

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DO CERRADO
PATROCÍNIO
Graduação em Psicologia**

TALITA SABRINA DA SILVA

**A PRÁTICA DO SERVIÇO FUNERÁRIO E A PERSPECTIVA DOS
PROFISSIONAIS SOBRE O FENÔMENO DA MORTE**

**PATROCÍNIO - MG
2018**

TALITA SABRINA DA SILVA

**A PRÁTICA DO SERVIÇO FUNERÁRIO E A PERSPECTIVA DOS
PROFISSIONAIS SOBRE O FENÔMENO DA MORTE**

Trabalho Monográfico de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para a
obtenção do grau de bacharel em Psicologia,
pelo Centro Universitário do Cerrado
Patrocínio – UNICERP.

Orientadora: Profa. Esp. Tereza Helena
Cardoso.

**PATROCÍNIO - MG
2018**



Centro Universitário do Cerrado Patrocínio
Curso de Graduação em Psicologia

Trabalho de conclusão de curso intitulado **“A prática do serviço funerário e a perspectiva dos profissionais sobre o fenômeno da morte”**, de autoria da graduanda Talita Sabrina da Silva, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

BANCA EXAMINADORA

Tereza Helena Cardoso

Orientadora Profa. Esp. Tereza Helena Cardoso

Instituição: UNICERP

Vanessa Cristina Alvarenga

Avaliador 1 – Profa. Dra. Vanessa Cristina Alvarenga

Instituição: UNICERP

Tatiane Coutinho Vieira de Melo

Avaliador 2 – Profa. Ma. Tatiane Coutinho Vieira de Melo

Instituição: UNICERP

Data de aprovação: 03/12/2018.

Patrocínio, 03 de dezembro de 2018.

***DEDICO** este trabalho ao meu querido pai, Célio (in memoriam), que deixou aos seus filhos a certeza de que viver exige a capacidade de superar o desafio de ser quem se é, principalmente, nos ensinou que a vida nos delega uma missão para ser vivenciada com coragem.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao bom Deus, que demonstra sua presença e força nos pequenos e grandes mistérios que permeiam este universo, senti seu alento quando o busquei em prece e agradeço por estar comigo de forma onipresente.

Ao meu querido pai (*in memoriam*), o meu agradecimento pelos cuidados e carinhos, quando em vida se fez presente em meus dias e me ensinou a iniciar essa jornada com bravura, por ter sido meu exemplo de força e determinação e por deixar comigo sua lembrança amada e saudosa.

À minha querida avó Enedina e a minha tia Sirlene, por terem sido também minhas mães, e terem me ensinado com seus exemplos valores importantes para o ser humano. À minha mãe por ter me concedido a vida. Ao meu avô João, por ter assumido a responsabilidade do cuidar, e aos demais tios e tias que se fizeram presentes de alguma forma.

Aos meus irmãos Ely, Keila e Kelly, que são também meus queridos amigos, confidentes e encorajadores, desde crianças nos apoiamos e nos entendemos, nosso vínculo tornou mais suportável qualquer dificuldade, toda minha gratidão e amor por vocês.

Aos meus sobrinhos Caio e Miguel, que me permitiram ser tia, tornaram meus dias mais leves e prazerosos ao demonstrarem toda a ternura e a alegria contagiante de ser criança. À minha cunhada Fabiana, por ter lhes concedido a vida e estar junto com meu irmão nesse caminhar.

Ao meu namorado Igor, que tem sido meu amigo, confidente, companheiro e um amor tão sincero e desejado, agradeço de todo coração por me dar forças, me compreender, cuidar e demonstrar carinho sempre, só cresce cada dia mais o meu respeito e consideração por você.

À minha orientadora Tereza, por acreditar nesse projeto e me nortear com suas orientações e considerações tão valorosas, todo o meu apreço e estima pelo ser humano e pela profissional que é, tenho muita admiração e consideração por você.

Aos participantes dessa pesquisa, profissionais dos serviços funerários, que foram tão importantes para que esse projeto se tornasse possível, agradeço por transmitirem a percepção de vocês sobre o nosso objeto de estudo.

A todos os meus professores da graduação, meus mestres, que tanto contribuíram para minha formação enquanto pessoa e profissional, considero cada um com muito apreço, levo as

reflexões e conhecimentos singulares que me transmitiram. Também, agradeço a minha coordenadora Vanessa pela sua atenção, disponibilidade e instruções tão importantes desde o princípio desse estudo, com você o passo a passo se tornou bem mais compreensível.

Aos meus professores, que desde o princípio da minha vida escolar, me ensinaram o prazer pela leitura e pelo conhecimento, Joana d'Arc, Lília, Rita, Thaís e demais.

Às minhas amigas Fran, Jana, Lelê e Rafa, que foram um presente junto à graduação. À Fran por ser minha confidente e sempre me apoiar, por compartilhar comigo tantos momentos significativos; à Lelê por ser assim tão humilde e afetuosa, também, por ter me dado o livro que inspirou esse projeto; à Rafa, por ser essa pessoa linda e tão sensível, guardo com carinho nossas conversas; à Jana por ter aceitado embarcar comigo em alguns projetos e por todas as conversas e conhecimentos compartilhados.

Ao meu amigo Josimar, por todos os significativos momentos vivenciados e por me permitir compartilhar minha história, como também o fez, sua amizade é muito importante.

À minha amiga Ju, por ser minha alma gêmea irmã, pelas conversas longas e tão significativas, agradeço muito por nessa vida desfrutar da sua amizade. À minha amiga Leidiane, que desde criança me acompanhou pelas peripécias da vida, tem sido uma amizade de valor inestimável. À minha querida amiga Kézia pela pessoa bondosa e carinhosa que é, pelas confidências trocadas, pela escuta atenciosa e por todo o apoio.

Às minhas colegas de trabalho que também se tornaram amigas, sempre demonstrando preocupação e cuidados. Ao meu gestor que acreditou nas minhas capacidades para desempenhar um bom trabalho, com dedicação e comprometimento.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para esse projeto, que também finaliza uma etapa em minha vida e inicia outra.

“Podemos nos esforçar para jogar a morte para escanteio, guardando cadáveres atrás de portas de aço inoxidável e enfiando os doentes e moribundos em quartos de hospital. Escondemos a morte com tanta habilidade que quase daria para acreditar que somos a primeira geração de imortais. Mas não somos. Vamos todos morrer e sabemos disso”.

Caitlin Doughty

RESUMO

Introdução: O fenômeno da morte demonstra a condição vulnerável da existência humana, o que ocasiona sentimento de angústia, pois ao ser marcado pela temporalidade da vida, o indivíduo inicia sua luta contra a ideia de finitude. A morte se profissionalizou e conseqüentemente se capitalizou, o que equivale dizer que as empresas funerárias passaram a lucrar com a mesma. Surge a indústria da morte, na qual os profissionais de serviços funerários possuem pouco reconhecimento social do trabalho que desempenham e se tornam, por vezes, cuidadores dos familiares que vivenciam a dor e a angústia da perda. **Objetivos:** Compreender a relação entre a significação do fenômeno da morte e a prática do serviço funerário, avaliando se a atividade profissional do serviço funerário possibilita uma percepção mais natural com relação à morte, identificando os sentimentos desses profissionais diante da morte de entes queridos e de desconhecidos e, por fim, descrever mecanismos e aspectos adaptativos dos mesmos frente a esse fenômeno. **Material e Métodos:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e de campo. Os participantes foram 17 profissionais das cinco empresas que oferecem os serviços funerários na cidade de Patrocínio/MG, incluindo os cargos desde serviços gerais até gerentes e proprietários. Os dados foram coletados através de uma entrevista semiestruturada, elaborada pelas pesquisadoras, e os relatos obtidos foram interpretados mediante a análise de conteúdo. **Resultados:** Sobre a percepção do trabalho prevaleceram as respostas de ser algo normal/comum (n=6; 35%) e de que para desenvolvê-lo é necessário ter um psicológico preparado (n=3; 35%). A maior dificuldade do contato com o corpo morto foi ser uma criança (n=5; 36%) e o início da prática ser o mais difícil (n=4; 29%). Um número representativo de participantes (n=15; 88%) relataram vivenciar algum tipo de piada e/ou crítica em relação ao trabalho que fazem, mas poucos se incomodam (n=3; 20%). Sobre a percepção da morte, sobressaiu respostas relacionadas à religião (n=3; 17%); como processo natural (n=4; 23%), e que essa não tinha um significado diferente do que o exposto, antes da prática profissional atual (n=12; 71%). Perante a morte de pessoas desconhecidas citam um sofrimento momentâneo, e diante da morte de entes queridos, o sofrimento é mais duradouro, 88% (n=15) já perderam um ente querido; a classificação do trabalho como sentimentalmente pesado predominou (n=8; 47%). Os participantes referem-se estarem mais adaptados (n=7; 41%) e nada ter alterado (n=10; 59%) ante a morte, após o trabalho. Verificou-se que houve habituação com o corpo morto e todos querem continuar a trabalhar nos serviços funerários. **Considerações Finais:** Conclui-se que a prática do serviço funerário por si só não modifica a percepção de morte destes profissionais, embora acredita-se que a alteração ocorra com relação à adaptação ao trabalho e ao contato com corpo morto, para aqueles que o têm.

Palavras-chave: Morte. Significação. Serviços funerários.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Categorias e subcategorias emergidas.....	24
Quadro 2 -	Perfil sociodemográfico dos participantes.....	28
Quadro 3 -	Perfil profissional dos participantes.....	29
Quadro 4 -	Atividades profissionais dos participantes.....	31

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Quantidade de participantes comparada aos profissionais por cada funerária.....	25
--------------------	---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Distribuição de frequência das respostas sobre a percepção do trabalho.....	35
Tabela 2 -	Distribuição de frequência das respostas sobre a dificuldade no contato com o corpo morto.....	38
Tabela 3 -	Distribuição de frequência das respostas sobre a percepção da morte.....	44
Tabela 4 -	Distribuição de frequência das respostas quanto à reflexão sobre a morte após o trabalho.....	61
Tabela 5 -	Distribuição de frequência das respostas sobre a habituação do contato com o corpo morto.....	63

LISTA DE SIGLAS

ABRASIF	Associação Brasileira do Setor de Informações Funerárias
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
COEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CPF	Cadastro de Pessoa Física
EPI	Equipamento de Proteção Individual
FUNEXPO	Feira Internacional de Produtos, Serviços e Equipamentos para o Setor Funerário e de Cemitérios
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IML	Instituto Médico Legal
MG	Minas Gerais
MS	Ministério da Saúde
PCMSO	Programa Médico de Saúde Ocupacional
PPRA	Programa de Prevenção de Riscos Ambientais
SIM	Sistema de Informações sobre Mortalidade
UNICERP	Centro Universitário do Cerrado Patrocínio

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 OBJETIVOS	16
2.1 Objetivo geral	16
2.2 Objetivos específicos	16
3 DESENVOLVIMENTO	17
3.1 INTRODUÇÃO	19
3.2 MATERIAL E MÉTODOS	20
3.2.1 Tipo de pesquisa.....	20
3.2.2 Cenário da pesquisa.....	21
3.2.3 Participantes da pesquisa.....	22
3.2.4 Técnica de coleta de dados.....	22
3.2.5 Procedimento de análise de dados.....	23
3.2.6 Questões éticas	24
3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
3.3.1 Funerárias, perfil sociodemográfico e profissional dos participantes.....	25
3.3.2 A prática do serviço funerário	30
3.3.2.1 Atividades realizadas e a percepção do trabalho	30
3.3.2.2 Dificuldades no contato o corpo morto	38
3.3.2.3 Vivência do preconceito	41
3.3.3 Percepção e significação do fenômeno da morte	43
3.3.3.1 A morte e suas reverberações	43
3.3.3.2 Significado da morte após a prática dos serviços funerários.....	48
3.3.4 Sentimentos emergidos	52
3.3.4.1 Pessoas desconhecidas.....	52
3.3.4.2 Entes queridos	55
3.3.4.3 Sentimentos relacionados ao trabalho	58
3.3.5 Decorrências da prática do serviço funerário	60
3.3.5.1 Reflexão sobre a morte	61
3.3.5.2 Habituação com o corpo morto	63
3.3.5.3 Permanência nos serviços funerários.....	66
3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
3.5 REFERÊNCIAS	68
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
5 REFERÊNCIAS	76
APÊNDICES	83
ANEXO	86

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo buscou compreender a percepção e o significado atribuído ao fenômeno da morte pelos profissionais dos serviços funerários, se inserindo na linha de pesquisa da Psicologia Preventiva e de Promoção da Saúde.

O fenômeno da morte demonstra a condição vulnerável da existência humana, ocasionando sentimentos de angústia, pois ao ser marcado pela temporalidade da vida, o indivíduo inicia sua luta contra a ideia de finitude, buscando formas de alívio para o paradoxo existencial do dualismo entre vida e morte, algo que tem proeminência na cultura ocidental, que nega a coexistência de dois momentos constituintes da mesma realidade – a condição do homem como um ser vivo, mas que irá morrer um dia (BELLATO; CARVALHO, 2005).

Destarte, o ser humano é o único animal que tem consciência da própria morte; isso o distingue dos demais, e faz com que o viver e o morrer ultrapasse a condição biológica, sendo que cada indivíduo apreende seus próprios sentidos frente a este fenômeno, o que diverge de um para o outro, embora contextualizados nos processos culturais e no momento histórico no qual se insere (RODRIGUES, 2013).

A imagem da morte acompanha o ser humano desde o princípio, como um vazio que se abre diante da vida, um não-ser inominável e angustiante, dentro desse inconcebível vivido. A ritualização da morte passa a apresentar-se como a possibilidade de transcender o sofrimento pela condição finita da existência, porque desde tempos longínquos a sepultura da morte humana é fato universal, o que assegura a distinção dos demais animais. Nem um grupo, por mais primitivo que seja, abandona seus mortos ou seus ritos, as práticas fúnebres referem-se à crença na “sobrevivência”, e os ritos a metáfora do prolongamento da vida (BELLATO; CARVALHO, 2005, grifo nosso).

Com perspectiva semelhante, Guandalini (2010), expõe que a civilização sempre procurou justificar que a morte não seria o fim, sendo o sepultamento a maneira de preparar o morto para o outro mundo ou para uma outra vida após a morte; no decorrer do desenvolvimento sociocultural, as práticas fúnebres também foram se modificando; no entanto, cada cultura desenvolveu seus sistemas fúnebres com características próprias.

As práticas funerárias são ocasiões de junção do coletivo, nas quais as relações de parentesco e afeto desabrocham; as pessoas se unem na tentativa de suprimir o espaço deixado

pela morte, sendo uma busca da sociedade em encontrar algo que resista a este fato, uma apropriação desse acontecimento natural e ameaçador, uma ação contra o vazio deixado pela morte, estabelecendo relações com os vivos e criando vínculos com os mortos, por meio dos ritos fúnebres (RODRIGUES, 2013).

Dentre os ritos fúnebres presentes em várias culturas antigas está o funeral, que marca a separação final dos vivos e mortos, e também os ritos de incorporação ao mundo desses, através da preparação e limpeza do defunto para estar limpo ao fazer a passagem para o outro mundo; um exemplo está no Antigo Egito, ano 1550 a. C., onde o Livro dos Mortos, era escrito em papiros e colocados juntos às múmias, com a intuito de ajudá-las na viagem para o outro mundo, afastando-as de eventuais perigos (GUANDALINI, 2010).

O ponto de diferença entre a concepção do mundo ocidental e a maioria das outras sociedades é o seguinte: para o mundo ocidental, a vida contrasta com a morte; para as outras sociedades, morte é a continuação da vida. Consequentemente há duas formas de descrever o acontecimento de morrer. Na maneira ocidental, morrer é ‘pontual’ – tem um momento exato quando uma pessoa morre, esse momento pode ser marcado no relógio. Na maneira não-ocidental, morrer é um processo, e a vida não acaba com o desaparecimento do funcionamento orgânico (BECKER, 2008, p. 147-148, grifo do autor).

Oportunamente, o capitalismo também se apoderou da morte: quando a mesma surge é preciso consumir produtos e tomar decisões. A morte se profissionalizou e consequentemente se capitalizou, o que equivale dizer que as empresas funerárias passaram a ser as maiores beneficiárias da pessoa morta, passando a ser um ramo de negócio como qualquer outro, entretanto, marcado por uma simbologia expressiva, pois lida com os sentimentos de pessoas fragilizadas em um momento muito delicado (ARAÚJO, 2012).

Observa-se, segundo Veras e Soares (2016, grifo nosso), que a morte e seus rituais se tornaram produtos comercializáveis, que atendem às exigências da sociedade capitalista, permeadas pelo consumismo e pela ideia da “imortalidade”; desse modo, a lógica comercial do mercado é transposta para as práticas funerárias tradicionais, as pessoas pagam por mercadorias e serviços, como a necromaquiagem e a tanopraxia – técnicas utilizadas na maquiagem e conservação do corpo morto, que representam a negação e dificuldade em lidar com a morte.

Os profissionais dos serviços funerários, em específico os agentes funerários, possuem pouco reconhecimento social pelo trabalho que desempenham, com baixos salários e dificuldades na atuação e nas condições de trabalho. Suas atividades vão bem além da

preparação do corpo morto, são também cuidadores dos familiares que expressam por vezes a dor e angústia pela perda que vivenciam naquele momento (CÂMARA, 2011).

Apontamentos semelhantes são encontrados nos autores Kovács, Vaiciunas e Alves (2014), que ressaltam o preconceito e os percalços enfrentados nesta profissão, porquanto lidam com condições adversas, situações degradantes, corpos deteriorados em emergências e desastres de difícil acesso, com risco à saúde física, pela possível contaminação, e risco à saúde psicológica, além de situações deletérias emocionalmente.

Perante as exposições teóricas acima mencionadas, este trabalho norteia-se pelo seguinte questionamento: nas atividades cotidianas dos profissionais de serviços funerários, quais são suas percepções e significações acerca do fenômeno da morte? Acredita-se que os profissionais de serviços funerários, por estarem expostos ao fenômeno da morte na concretude que ocorre, e no cotidiano de suas profissões, lidam com a finitude da vida humana contínua e rotineiramente; de tal modo, indaga-se se o referido fenômeno é percebido de forma mais natural por esses.

Durante a infância desta pesquisadora, a morte de familiares próximos permitiu o contato com o fenômeno da morte, sempre explicado de forma esquiva ou equivocada por parte dos adultos, gerando incompreensão e angústia com relação a este episódio, tornando a relação com a morte um fato curioso, temerário e aflitivo, à priori. Posteriormente, a graduação em Psicologia proporcionou novos encontros com a situação de finitude, através dos estágios curriculares, surgindo o desejo de compreender o fenômeno da morte, pesquisar vivências pessoais e outras reações diante o mesmo. Por fim, leituras acerca do tema, como o livro: *Confissões do Crematório*, da escritora Caitlin Doughty¹, que relata suas experiências como agente funerária e suas impressões no contato direto com a morte, dentre outras razões, despertaram nesta pesquisadora o desejo de investigar esse tema.

Conforme Kovács, Vaiciunas e Alves (2014, p. 942), “há poucas referências na bibliografia especializada em tanatologia envolvendo o trabalho de profissionais de serviços funerários em relação à morte”, o que justifica a relevância deste estudo na busca e ampliação de conhecimentos científicos nessa área.

¹ Para maiores informações verificar referência: DOUGHTY, C. *Confissões do Crematório*. Tradução Regiane Winarski. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2016.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Compreender a relação entre a significação do fenômeno da morte e a prática do serviço funerário.

2.2 Objetivos específicos

Avaliar se a atividade profissional do serviço funerário possibilita uma percepção mais natural com relação à morte;

Identificar os sentimentos dos profissionais de serviço funerário diante da morte de entes queridos e de pessoas desconhecidas;

Descrever os aspectos adaptativos destes profissionais com relação ao fenômeno da morte.

3 DESENVOLVIMENTO

A PRÁTICA DO SERVIÇO FUNERÁRIO E A PERSPECTIVA DOS PROFISSIONAIS SOBRE O FENÔMENO DA MORTE

TALITA SABRINA DA SILVA¹
TEREZA HELENA CARDOSO²

RESUMO

Introdução: O fenômeno da morte demonstra a condição vulnerável da existência humana, o que ocasiona sentimento de angústia, pois ao ser marcado pela temporalidade da vida, o indivíduo inicia sua luta contra a ideia de finitude. A morte se profissionalizou e consequentemente se capitalizou, o que equivale dizer que as empresas funerárias passaram a lucrar com a mesma. Surge a indústria da morte, na qual os profissionais de serviços funerários possuem pouco reconhecimento social do trabalho que desempenham e se tornam, por vezes, cuidadores dos familiares que vivenciam a dor e a angústia da perda. **Objetivos:** Compreender a relação entre a significação do fenômeno da morte e a prática do serviço funerário, avaliando se a atividade profissional do serviço funerário possibilita uma percepção mais natural com relação à morte, identificando os sentimentos desses profissionais diante da morte de entes queridos e de desconhecidos e, por fim, descrevendo mecanismos e aspectos adaptativos dos mesmos frente a esse fenômeno. **Material e Métodos:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e de campo. Os participantes foram 17 profissionais das cinco empresas que oferecem os serviços funerários na cidade de Patrocínio, Minas Gerais, incluindo os cargos desde serviços gerais até gerentes e proprietários. Os dados foram coletados através de uma entrevista semiestruturada, elaborada pelas pesquisadoras, e os relatos obtidos foram interpretados mediante a análise de conteúdo. **Resultados:** Sobre a percepção do trabalho prevaleceram as respostas de ser algo normal/comum (n=6; 35%) e de que para desenvolvê-lo é necessário ter um psicológico preparado (n=3; 35%). A maior dificuldade do contato com o corpo morto foi ser uma criança (n=5; 36%) e o início da prática ser o mais difícil (n=4; 29%). Um número representativo de participantes (n=15; 88%) relataram vivenciar algum tipo de piada e/ou crítica em relação ao trabalho que faziam, mas poucos se incomodavam (n=3; 20%). Sobre a percepção da morte, sobressaiu respostas relacionadas à religião (n=3; 17%); como processo natural (n=4; 23%), e que essa não tinha um significado diferente do que o exposto, antes da prática profissional atual (n=12; 71%). Perante a morte de pessoas desconhecidas citam um sofrimento momentâneo, e diante da morte de entes queridos, o sofrimento é mais duradouro, 88% (n=15) já perderam um ente querido; a classificação do trabalho como sentimentalmente pesado predominou (n=8; 47%). Os participantes referem-se estarem mais adaptados (n=7; 41%) e nada ter alterado (n=10; 59%) ante a morte, após o trabalho. Verificou-se que houve habituação

¹ Autora, Graduada em Psicologia pelo UNICERP.

² Orientadora, Professora do UNICERP.

com o corpo morto e todos querem continuar a trabalhar nos serviços funerários. **Considerações Finais:** Conclui-se que a prática do serviço funerário por si só não modifica a percepção de morte destes profissionais, embora acredita-se que a alteração ocorra com relação à adaptação ao trabalho e ao contato com corpo morto, para aqueles que o têm.

Palavras-chave: Morte. Significação. Serviços funerários.

ABSTRACT

Introduction: The phenomenon of death demonstrates the vulnerable condition of human existence, which causes a sense of anguish, because when it is marked by the temporality of life, the individual begins his struggle against the idea of finitude. Death became professionalized and consequently capitalized, which is to say that funeral companies started to profit from it. The death industry arises, in which funeral service professionals have little social recognition of the work they perform and sometimes become caregivers for family members who experience pain and the anguish of loss. **Objectives:** To understand the relationship between the significance of death and the practice of funeral service, evaluating if the professional activity of the funeral service allows a more natural perception regarding death, identifying the feelings of these professionals before the death of loved ones and unknown ones, and, finally, describing mechanisms and adaptive aspects of them in the face of this phenomenon. **Material and Methods:** This is a qualitative, descriptive and field research. The participants were 17 professionals from the five companies that offer funeral services in the city of Patrocínio/MG, including positions ranging from general services to managers and owners. The data were collected through a semistructured interview, elaborated by the researchers, and the reports obtained were interpreted through content analysis. **Results:** Regarding the perception of work, the responses of being something normal / common (n = 6; 35%) prevailed and that to develop it is necessary to have a psychological prepared (n = 3; 35%). The greatest difficulty of contact with the dead body was to be a child (n = 5; 36%) and the beginning of the practice was the most difficult (n = 4; 29%). A representative number of participants (n = 15; 88%) reported experiencing some kind of joke and / or criticism regarding the work they did, but few bothered (n = 3; 20%). Regarding the perception of death, the answers related to the religion stood out (n = 3; 17%); as a natural process (n = 4; 23%), and that this did not have a different meaning than the above, before the current professional practice (n = 12; 71%). Before the death of unknown people they mention momentary suffering, and in the face of the death of loved ones, suffering is more enduring, 88% (n = 15) have already lost a loved one; the classification of work as sentimentally heavy predominated (n = 8; 47%). Participants reported that they were more adapted (n = 7; 41%) and had not changed (n = 10; 59%) before death, after work. It was found that there was habituation with the dead body and everyone wants to continue working in the funeral services. **Final Remarks:** It is concluded that the practice of the funeral service does not modify the perception of death of these professionals, although it is believed that the change occurs in relation to the adaptation to work and contact with the dead body, for those who have it.

Keywords: Death. Significance. Funeral Services.

3.1 INTRODUÇÃO

O presente estudo buscou compreender a percepção e o significado atribuído ao fenômeno da morte pelos profissionais dos serviços funerários, se inserindo na linha de pesquisa da Psicologia Preventiva e de Promoção da Saúde.

Bellato e Carvalho (2005), expõem que o fenômeno da morte demonstra a condição vulnerável da existência humana, o que ocasiona sentimentos de angústia pois, ao ser marcado pela temporalidade da vida, o indivíduo inicia sua luta contra a ideia de finitude, buscando formas de alívio para o paradoxo existencial do dualismo entre vida e morte, algo que tem proeminência na cultura ocidental, que busca negar a coexistência de dois momentos constituintes da mesma realidade – a condição do homem como um ser vivo, mas que irá morrer um dia.

A imagem da morte acompanha o ser humano desde o princípio, como um vazio que se abre diante da vida, um não-ser inominável e angustiante, dentro desse inconcebível vivido. A ritualização da morte passa a apresentar-se como a possibilidade de transcender o sofrimento pela condição finita da existência, porque desde tempos longínquos a sepultura da morte humana é fato universal, o que assegura a distinção dos demais animais. Nem um grupo, por mais primitivo que seja, abandona seus mortos ou seus ritos, as práticas fúnebres referem-se à crença na “sobrevivência”, e os ritos a metáfora do prolongamento da vida (BELLATO; CARVALHO, 2005, grifo nosso).

Conforme Rodrigues (2013), as práticas funerárias são ocasiões de junção do coletivo, em que as relações de parentesco e afeto desabrocham; as pessoas se unem para criar novos laços na tentativa de suprimir o espaço deixado pela morte, sendo uma busca da sociedade em encontrar algo que resista a este fato, uma apropriação desse acontecimento natural ameaçador, uma ação contra o vazio deixado pela morte, estabelecendo relações com os vivos e criando vínculos com os mortos, por meio dos ritos fúnebres.

Oportunamente o capitalismo também se apoderou da morte: quando a mesma surge é preciso consumir produtos e tomar decisões. A morte se profissionalizou e conseqüentemente se capitalizou, o que equivale dizer que as empresas funerárias passaram a ser as maiores beneficiárias da pessoa morta, passando a ser um ramo de negócio como qualquer outro,

entretanto, marcado por uma simbologia expressiva, pois lida com sentimentos de pessoas fragilizadas em um momento muito delicado (ARAÚJO, 2012).

Os profissionais dos serviços funerários, em específico os agentes funerários, possuem pouco reconhecimento social pelo trabalho que desempenham, com baixos salários e dificuldades na atuação e nas condições de trabalho, as atividades vão bem além da preparação do corpo morto, são também cuidadores dos familiares que expressam por vezes a dor e angústia pela perda que vivenciam naquele momento (CÂMARA, 2011).

Perante as exposições teóricas acima mencionadas, este trabalho norteia-se pelo seguinte questionamento: nas atividades cotidianas dos profissionais de serviços funerários, quais são suas percepções e significações acerca do fenômeno da morte? Acredita-se que os profissionais de serviços funerários, por estarem expostos ao fenômeno da morte na concretude que ocorre, e no cotidiano de suas profissões, lidam com a finitude da vida humana contínua e rotineiramente; de tal modo, indaga-se se o referido fenômeno é percebido de forma mais natural por esses.

Conforme Kovács, Vaiciunas e Alves (2014, p. 942) “há poucas referências na bibliografia especializada em tanatologia envolvendo o trabalho de profissionais de serviços funerários em relação à morte”, o que justifica a relevância deste estudo na busca e ampliação de conhecimentos científicos nessa área.

3.2 MATERIAL E MÉTODOS

3.2.1 Tipo de pesquisa

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e de campo. A definição do qualitativo na pesquisa psicológica não é “[...] uma questão instrumental, nem tampouco uma questão definida pelo tipo de dados que devem ser incluídos, se define essencialmente pelos processos implicados na construção do conhecimento, pela forma de se produzir o conhecimento” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 24).

Godoy (1995), ressalta que a pesquisa qualitativa não tem o intuito de medir ou enumerar os eventos estudados, nem utilizar a análise estatística para os mesmos, mas caracteriza-se pela obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos

entre o pesquisador e o fenômeno investigado, com a intenção de compreendê-los a partir da perspectiva dos participantes do estudo. O caráter descritivo pressupõe a apreensão do todo, a sua complexidade e o esclarecimento do dinamismo interno das situações vivenciadas pelos sujeitos frente ao fenômeno.

Na pesquisa de campo, o fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte; sendo que o pesquisador se coloca como instrumento de observação, seleção, análise e interpretação dos dados investigados (GODOY, 1995). Como pontua González Rey (2005), a participação do pesquisador na vida cotidiana dos sujeitos estudados é espontânea, na coleta dos dados da pesquisa de campo esse é o diferencial, pois, permite a formação de redes de comunicação e a expressão cotidiana dos participantes, fonte importante para a construção do conhecimento psicológico.

3.2.2 Cenário da pesquisa

A coleta dos dados ocorreu com os profissionais das 5 (cinco) funerárias existentes na cidade de Patrocínio, Minas Gerais, localizada na Mesorregião Alto Paranaíba. Informações atualizadas, no Censo de 2010, indicam 82.471 habitantes do município, com previsão de 89.983 pessoas para o ano de 2017; unidade territorial de 2.874,344 km² (IBGE, 2010). Com relação à morte, os dados disponibilizados pelo Datasus (2016) informam a quantidade de 581 óbitos (pelo local de ocorrência) no município, no ano de 2016.

No Brasil, os serviços funerários e cemitérios são regulados pelos Municípios. São consideradas atividades de interesse local (art. 30, V, da Constituição Federal) e incluem a confecção de caixões, a organização de velórios, o transporte de cadáveres e a administração de cemitérios. Em muitos Municípios estes serviços públicos são realizados através de empresas privadas, por meio de concessões públicas (MENDES, 2016, p. 34).

As empresas funerárias são essenciais no processo de produção do corpo morto. Sendo requisitadas após a declaração do óbito³, seus funcionários acompanham o processo de emissão da mesma, e em seguida fazem a preparação técnica do corpo e planejam a realização do cerimonial fúnebre. Tais etapas são complementadas pelos empreendimentos de destinação

³ A Declaração de Óbito é o documento-base do Sistema de Informações sobre Mortalidade do Ministério da Saúde (SIM/MS). É composta de três vias autocopiativas, pré-numeradas sequencialmente, fornecida pelo Ministério da Saúde e distribuída pelas Secretarias Estaduais e Municipais de saúde conforme o fluxo padronizado para todo o país (BRASIL, 2007).

final aos cemitérios ou crematórios, e responsáveis respectivamente, pelo sepultamento e cremação do corpo (NEVES, 2014).

3.2.3 Participantes da pesquisa

A pesquisa foi realizada com os profissionais dos serviços funerários que aceitaram participar da pesquisa e que já computavam um período de experiência, neste local de trabalho, de no mínimo seis meses, totalizando o número de 17 (dezesete) participantes, de ambos os sexos. Inclui-se os profissionais com diversos cargos de trabalho: Agente Funerário, Auxiliar Administrativo, Assistente Administrativo, Auxiliar de Serviços Gerais, Engenheiro Mecatrônico, Gerente Administrativo, Proprietário e Secretária.

A escolha do número de sujeitos se fez com base na quantidade de serviços funerários ofertados na cidade, conforme disponibilidade da pesquisadora e dos profissionais em participar da pesquisa. De acordo com González Rey (2005), neste tipo de pesquisa utiliza-se o conceito de amostra propositiva, sendo determinada pela natureza do problema, e não pela estatística populacional. O número de sujeitos não é definitivo à princípio, pois dependerá da anuência dos mesmos.

3.2.4 Técnica de coleta de dados

Inicialmente, foi feita uma ligação telefônica para os proprietários ou gerentes dos cinco serviços funerários de Patrocínio, e através deste contato foram agendados horários para que a pesquisadora pudesse ir pessoalmente até o estabelecimento, com o propósito de explicar sobre a pesquisa, os objetivos da mesma, bem como o teor do contato com os funcionários.

Determinado com os proprietários ou gerentes sobre data e horário mais adequado, a pesquisadora realizou contato presencial com os profissionais, para convidá-los a participar da pesquisa e diante da aceitação, conforme disponibilidade dos mesmos, foi explicado os objetivos da pesquisa e realizada a entrevista individual imediatamente, em uma sala reservada, cedida pelo estabelecimento, com a garantia da confidencialidade das informações.

A coleta dos dados ocorreu através de uma entrevista semiestruturada (APÊNDICE A), elaborada pelas pesquisadoras, a fim de possibilitar que os participantes expressassem sua significação frente ao fenômeno da morte. A entrevista foi feita mediante o consentimento dos

participantes, após lerem e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B), também, gravada as falas perante a autorização dos mesmos, para facilitar a transcrição e análise dos dados.

A entrevista, na coleta de dados sobre um tema específico, é a mais utilizada no processo do trabalho de campo, através dessa o pesquisador procura obter informações objetivas e subjetivas, estas últimas relacionadas às atitudes e às opiniões dos entrevistados (BONI; QUARESMA, 2005).

De acordo com Manzini (2012), a entrevista semiestruturada se caracteriza por ter um roteiro de questões abertas, indicada para estudar um fenômeno de uma população específica, como um grupo de alunos, enfermeiras e demais; porquanto, deve existir flexibilidade na sequência das perguntas apresentadas aos sujeitos, bem como, o entrevistador pode fazer indagações adicionais para entender melhor o fenômeno.

3.2.5 Procedimento de análise de dados

Os dados sociodemográficos e profissionais foram tabulados em planilhas do *software Microsoft Excel* e analisados através da estatística descritiva. Os relatos que emergiram das entrevistas foram passados para o *software Microsoft Word*, digitados na íntegra, lidos exaustivamente e interpretados mediante a análise de conteúdo. González Rey (2005, grifo do autor), refere-se à análise de conteúdo como sendo uma técnica baseada na codificação das informações em categorias, um procedimento analítico direcionado a dar sentido ao estudado por meio de unidades parciais, que fragmentam o texto objeto, e depois, o reintegra no processo de interpretação das “unidades objetivas” já definidas.

Após todas as transcrições, se fez inferências dos conteúdos que emergiram das falas dos entrevistados para se formar as categorias e iniciar a discussão das mesmas. Como salientado por Campos e Turato (2009), o foco inferencial pode começar bem antes, na própria maneira de conduzir uma entrevista e nas observações, uma vez que, o pesquisador através de conhecimento prévio e intuição pode enfocar situações que não estejam expostas, mas que podem ser discutidas.

3.2.6 Questões éticas

Este projeto de pesquisa está de acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, a qual estabelece as diretrizes para a pesquisa envolvendo seres humanos. O mesmo foi submetido a avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa do UNICERP (COEP/UNICERP) e a coleta de dados somente foi realizada após aprovação do COEP/UNICERP (ANEXO A) e da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste tópico em diante estão evidenciados os resultados encontrados e o aporte teórico que sustenta a discussão dos mesmos; as categorias e subcategorias emergidas das falas dos participantes são apresentadas (QUADRO 1). González Rey (2005), ressalta que este é um momento fundamental na pesquisa qualitativa, uma vez que, as categorias representam a integração e generalização do conhecimento.

Quadro 1 – Categorias e subcategorias emergidas

Categorias	Subcategorias
Funerárias, perfil sociodemográfico e profissional dos participantes	
A prática do serviço funerário	Atividades realizadas e a percepção do trabalho Dificuldade no contato com o corpo morto Vivência do preconceito
Percepção sobre o fenômeno da morte	A morte e suas reverberações Significado da morte após a prática dos serviços funerários
Sentimentos emergidos	Pessoas desconhecidas Entes queridos Sentimentos relacionados ao trabalho
Decorrências da prática do serviço funerário	Reflexão sobre a morte Habituação com o corpo morto Permanência nos serviços funerários

Fonte: Dados da pesquisa.

Mediante os princípios éticos de confidencialidade exigidos na pesquisa científica, os serviços funerários foram identificados por nomes fictícios de escritores brasileiros, sendo

assim nomeados: Funerária Clarice Lispector, Funerária Érico Veríssimo, Funerária Graciliano Ramos, Funerária Guimarães Rosa e Funerária Machado de Assis.

Da mesma maneira, os participantes receberam nomes fictícios dos personagens eternizados nas obras desses escritores homenageados, em cada funerária, sendo identificados por: Brás Cubas, Capitu, Clarissa, Dr. Cícero Branco, Dr. Simão Bacamarte, Dom Casmurro, Eugênio, Fabiano, Helena, Macabéa, Manuelzão, Olívia, Paulo Honório, Prudêncio, Quincas Borba, Rubião e Vasco.

3.3.1 Funerárias, perfil sociodemográfico e profissional dos participantes

A quantidade total do quadro dos profissionais que trabalham em cada funerária e a quantidade total dos participantes dessa pesquisa, referente a cada serviço funerário, é apresentada no GRAF. 1. Verifica-se que a Funerária Clarice Lispector (n=1; 6%), Funerária Graciliano Ramos (n=2; 12%) e Guimarães Rosa1 (n=1; 6%), tiveram a menor quantidade de participantes nessa pesquisa; já a Funerária Érico Veríssimo (n=2; 29%) e a Funerária Machado de Assis (n=8; 47%) apresentaram a maior quantidade participantes nessa pesquisa, bem como, a maior representatividade de profissionais.

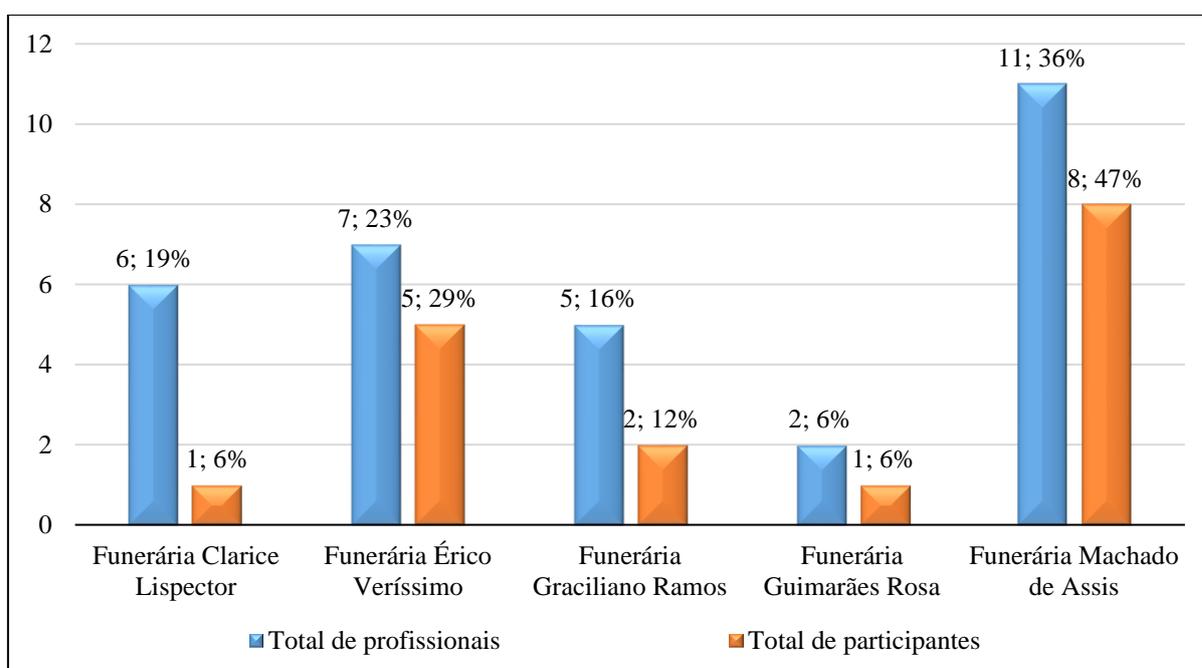


Gráfico 1 – Quantidade de participantes comparada aos profissionais por cada funerária

Fonte: Dados da pesquisa.

Segundo Prado (2013), quando a pessoa morre é preciso seguir certas etapas, que vão desde a preparação do corpo ao posterior velório; para isso é necessário que alguma organização se responsabilize por esse serviço. Para suprir essa demanda em relação a morte surgem as funerárias, que se inseriram no mercado de forma não apenas mercadológica, mas também, organizacional. Se responsabilizam por práticas complexas e peculiares, que exigem conhecimentos sobre as providências a serem tomadas em relação ao cadáver.

A “indústria da morte” não tem sentido os efeitos das adversidades da economia brasileira, tendo contínua lucratividade. O segmento de empresas que oferecem os planos funerários, desde a preparação do corpo à ornamentação dos velórios, representadas pela Associação Brasileira do Setor de Informações Funerárias (ABRASIF), no ano de 2014, atingiram a receita de 3,95 bilhões de reais, um crescimento significativo comparado aos 1,68 bilhão em 2013. No ano de 2005, haviam 8.500 empresas prestadoras de serviços funerários no país, em 2015 já representavam 13.720 empresas (LIMA; CURY, 2015, grifo dos autores).

As empresas funerárias passam a oferecer serviços mais personalizados, com a justificativa de alta competição no setor mercadológico; assim, a coroa de flores, a urna e o enterro do corpo, se tornaram básicos. Um diferencial é oferecer a transmissão em tempo real do velório para as pessoas que não puderam estar presentes (KITAZAWA; BORGES; RODRIGUES, 2016).

A Funexpo⁴ é uma feira bienal de negócios que apresenta as novidades da indústria da morte, demonstrando inovações a cada ano: caixões com estampas *jeans*, herança do estilo de vida americano; rabeções luxuosos, carros funerários com luzes *led* azul e acabamento refinado em couro; caixões biodegradáveis; salões de automóveis com carros luxuosos e modelos; e outras exposições (RODRIGUES; ICHIKAWA, 2017).

De acordo com Araújo (2012), as pessoas, ao pagarem pelos serviços funerários, ficam satisfeitas por não terem que lidar pessoalmente com o processo da morte. Quanto maior a quantia gasta, mais se desculpabiliza, ou seja, surge a ilusão de que o melhor caixão, enterro e outros serviços irão amenizar qualquer falta. Concomitante a essa procura do mercado pós-morte, surge a procura por cursos na área de tanatopraxia, embalsamento e necromaquiagem. A primeira agrega um valor estético, ao reduzir inchaços e melhorar a aparência da pele, com redução de rugas e hematomas, a última elimina a palidez através da maquiagem, completando o tratamento.

⁴ Feira Internacional de Produtos, Serviços e Equipamentos para o Setor Funerário e de Cemitérios, existe desde 1996, em seu site é apresentada como “uma grande feira de negócios” (VERAS; SOARES, 2016, grifo dos autores).

A psicologia também tem surgido no mercado funerário de duas formas: um serviço de apoio oferecido na disputa pelo cliente, e como função de treinamento dos trabalhadores das empresas, com o intuito de torná-las mais competitivas e lucrativas. Assim, a psicologia e a medicina, com prescrições generalistas, por vezes, passam a apresentar uma nova normatização, de como a dor pode e deve ser expressa (VERAS; SOARES, 2016).

Os dados sociodemográficos dos participantes são apresentados no QUADRO 2, a maioria dos participantes foram do sexo masculino (n=12; 71%), o sexo feminino correspondeu a 5 (29%). Com relação à faixa etária, 7 (41%) tinham idade entre 20 a 39 anos, 8 (47%) entre 40 e 59 anos, 2 (12%) entre 60 a 69 anos. Com relação a escolaridade, 4 (23%) participantes tinham o Ensino Fundamental Incompleto e a mesma quantidade para o Ensino Médio Completo; 3 (18%) possuíam o Ensino Fundamental Completo e a mesma porcentagem para o Ensino Superior Completo; 2 (12%) o Ensino Médio Incompleto e 1 (6%) Curso Técnico.

Com relação ao estado civil houve predominância de casados (n=13; 76%); 2 (12%) solteiros; e 1 (6%) divorciado e o mesmo para união estável. Sobre o número de filhos observa-se que 6 (35%) tinham 1 filho, 4 (24%) tinham 3 filhos, 4 (23%) tinham 2 filhos, e 3 (18%) não tinham nenhum filho. A religião que se destacou foi a católica (n=14; 82%) e somente 3 (18%) disseram ser evangélicos (QUADRO 2).

Quadro 2 – Perfil sociodemográfico dos participantes

Participante	Sexo	Idade (anos)	Escolaridade	Estado Civil	Número de filhos	Religião
Brás Cubas	M	31	Ensino Médio Completo	Casado	3	Católico
Capitu	F	63	Ensino Médio Completo	Casada	3	Católico
Clarissa	F	23	Ensino Médio Incompleto	Divorciada	1	Evangélica
Dom Casmurro	M	60	Ensino Fundamental Incompleto	Casado	3	Católico
Dr. Cícero Branco	M	51	Ensino Médio Completo	Casado	1	Evangélico
Dr. Simão Bacamarte	M	59	Ensino Fundamental Completo	Casado	3	Católico
Eugênio	M	37	Ensino Fundamental Completo	Casado	2	Evangélico
Fabiano	M	31	Ensino Superior Completo ¹	Casado	1	Católico
Helena	F	50	Ensino Fundamental Completo	União Estável	1	Católica
Macabéa	F	38	Ensino Médio Completo	Casada	1	Católica
Manuelzão	M	48	Ensino Fundamental Incompleto	Casado	1	Católico
Olívia	F	23	Ensino Superior Completo ²	Solteira	0	Católica
Paulo Honório	M	43	Ensino Fundamental Incompleto	Casado	2	Católico
Prudêncio	M	40	Ensino Médio Incompleto	Casado	2	Católico
Quincas Borba	M	40	Ensino Superior Completo ³	Solteiro	0	Católico
Rubião	M	29	Curso Técnico ⁴	Casado	0	Católico
Vasco	M	47	Ensino Fundamental Incompleto	Casado	2	Católico

Nota: ¹ Educação Física; ² Agronegócio; ³ Engenharia Mecatrônica; ⁴ Contabilidade.

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme os dados do IBGE (2010), sobre a população patrocinese, a faixa etária da população com o maior número de pessoas (13.021) é entre 30 a 39 anos, e entre 40 a 49 anos (11.828); na escolaridade predomina a quantidade de pessoas (38.895) sem instrução e Ensino Fundamental Incompleto; e as religiões que se destacam é a Católica Apostólica Romana (63.770) e a Evangélica (13.996) pela quantidade de pessoas que se classificaram pertencentes. Semelhantemente, as características sociodemográficas dos participantes também foram ao encontro do exposto.

Herval e Menezes (2008), relatam que, sobre o mercado de trabalho das empresas funerárias, essas empregam diversos profissionais, a maioria não concluiu o ensino fundamental, no entanto, há aqueles que são universitários como os que fizeram cursos de Administração de Empresas, Secretariado e os especializados no setor como os técnicos de Tanatopraxia. No presente trabalho, os dados foram semelhantes, pois a porcentagem maior foi daqueles com o ensino fundamental incompleto.

O perfil profissional dos participantes é exposto no QUADRO 3, vinculado à funerária correspondente; os cargos de maior representatividade foram o Agente Funerário (n=6; 35%) e Proprietário (n=3; 17%), os demais foram 2 (12%) Auxiliares Administrativos e a mesma quantidade para Auxiliares de Serviços Gerais, 1 (6%) participante para os cargos de Secretária, Gerente Administrativo, Engenheiro Mecatrônico e Assistente Administrativo.

Quanto ao tempo de trabalho no serviço funerário a média foi de 14 anos, prevaleceu entre 1 a 9 anos (n=10; 59%) e entre 20 a 29 anos (n=4; 23%), o demais foram 10 a 19 anos (n=1; 6%) e 30 a 39 anos (n=2; 12%).

Quadro 3 – Perfil profissional dos participantes

Funerária	Participante	Cargo	Tempo de trabalho no serviço funerário (anos)
Clarice Lispector	Macabéa	Auxiliar Administrativo	7
Érico Veríssimo	Clarissa	Auxiliar de Serviços Gerais	1
	Dr. Cícero Branco	Proprietário	30
	Eugênio	Agente Funerário	18
	Olívia	Secretária	6
	Vasco	Agente Funerário	28
Graciliano Ramos	Fabiano	Proprietário	6
	Paulo Honório	Agente Funerário	25
Guimarães Rosa	Manuelzão	Proprietário	25
Machado de Assis	Brás Cubas	Agente Funerário	3
	Capitu	Auxiliar Administrativo	7
	Dom Casmurro	Agente Funerário	23
	Dr. Simão Bacamarte	Gerente Administrativo	39
	Helena	Auxiliar de Serviços Gerais	3
	Prudêncio	Agente Funerário	4
	Quincas Borba	Engenheiro Mecatrônico (Consultor)	1
	Rubião	Assistente Administrativo	9

Fonte: Dados da pesquisa.

A empresa funerária é composta por trabalhadores organizados em algumas categorias funcionais como maquiadores necrotéricos, motoristas, agentes funerários, recepcionistas e outros. Tais profissionais para trabalharem neste ramo do mercado de trabalho necessitam desenvolver processos de naturalização e subjetivação, na prática das atividades relacionadas a morte para conseguirem realizar seu serviço de maneira objetiva e profissional (CAPAVERDE; OLIVEIRA; SCHEFFER, 2017).

Capaverde, Oliveira e Scheffer (2017), em pesquisa realizada com profissionais de uma empresa funerária na cidade de Porto Alegre, constataram em seus resultados que o tempo

médio de permanência na empresa é de 5 anos, e a maioria dos profissionais participam do processo seletivo por indicações, dada a singularidade do trabalho. Na presente pesquisa, ao contrário, o tempo médio de permanência foi de 14 anos.

Para Câmara (2011), o agente funerário é o profissional da morte, responsável pela re-humanização dos corpos e por diversos serviços dentro das empresas funerárias: limpa, higieniza, maquia e perfuma o falecido, para entregar à família um corpo reconhecido para a despedida final.

3.3.2 A prática do serviço funerário

Esta categoria apresenta três subcategorias em que se pretende explicitar, de forma geral, a prática do serviço funerário a partir de cada atividade profissional, para que seja possível compreender a relação dessa com a percepção do fenômeno da morte. Também, descrever sobre a existência e ocorrência do contato com o corpo morto por cada profissional, bem como, o preconceito presente nesta área de atuação.

3.3.2.1 Atividades realizadas e a percepção do trabalho

O QUADRO 4 foi construído a partir dos relatos dos participantes quando indagados sobre as atividades que realizavam no dia a dia, e se tinham contato com o corpo morto. Estão apresentadas, de maneira geral, quais as atividades realizadas por cada participante. Nota-se que 3 participantes (18%) não tem contato algum com o corpo morto (Clarissa, Capitu e Helena), 7 (41%) têm, consistindo em todos os agentes funerários (Eugênio, Vasco, Paulo Honório, Brás Cubas, Dom Casmurro e Prudêncio) mais o proprietário, que realiza essa função (Manuelzão).

Quadro 4 – Atividades profissionais dos participantes

Funerária	Participante	Principais atividades no trabalho	Contato com o corpo morto
Clarice Lispector	Macabéa	Área administrativa: pagamentos de funcionários e boletos, pagamento e baixa de planos funerários, compras e atendimentos aos clientes e à família dos falecidos, etc.	Às vezes
Érico Veríssimo	Clarissa	Limpeza em geral do local	Não
	Dr. Cícero Branco	Anteriormente realizava todas as funções (de faxineiro ao agente funerário), atualmente é o administrador do estabelecimento	Quando necessário
	Eugênio	Motorista, higienização e tanatopraxia do corpo morto, atendimentos, etc.	Sim
	Olívia	Atendimento ao cliente: recebimento de planos funerários, serviço de banco, atendimentos aos clientes e à família dos falecidos, etc.	Às vezes
	Vasco	Atendente, vendedor de urnas, preparação dos corpos através da tanatopraxia e ornamentação, etc.	Sim
Graciliano Ramos	Fabiano	Realiza atividades de agente funerário quando necessário, mas sua responsabilidade é na parte de atendimento aos familiares, documentação, recebimento de planos, etc.	Quando necessário
	Paulo Honório	Busca do corpo, translado quando necessário, tanatopraxia e ornamentação, acompanhamento do velório e enterro, etc.	Sim
Guimarães Rosa	Manuelzão	Todo o trabalho: documentação necessária, busca do corpo, tanatopraxia e ornamentação, atendimentos aos familiares, acompanhamento do velório e sepultamento, etc.	Sim
Machado de Assis	Brás Cubas	Contato com a família, busca do corpo, tanatopraxia e ornamentação, acompanhamento do sepultamento, etc.	Sim
	Capitu	Faz e recebe o plano funerário, etc.	Não
	Dom Casmurro	Busca do corpo, preparação através da tanatopraxia e necromaquiagem, etc.	Sim
	Dr. Simão Bacamarte	Administração e atendimento aos clientes, quando necessário realiza as atividades de agente funerário, etc.	Quando necessário
	Helena	Limpeza em geral e café para o velório	Não
	Prudêncio	Vendedor de urnas, contato com os familiares, busca do corpo, translado, tanatopraxia e ornamentação, etc.	Sim
	Quincas Borba	Adequações de acordo com a legislação e Vigilância Sanitária, verificação dos procedimentos operacionais padrões, treinamentos, EPIs, etc.	Quando necessário
	Rubião	Anteriormente (há 1 ano atrás) realizava as funções de agente funerário (o fez por 3 anos), atualmente fica responsável pelo acerto do serviço funeral, etc.	Não mais

Fonte: Dados da pesquisa.

Observa-se que a preparação/contato com o corpo morto e planejamento do funeral/sepultamento é destinado aos agentes funerários (Eugênio, Vasco, Paulo Honório, Brás Cubas, Dom Casmurro e Prudêncio), ao gerente administrativo (Dr. Simão Bacamarte) e os proprietários, que o fazem quando necessário (Dr. Cícero Branco e Fabiano), ou sempre (Manuelzão). Rubião já exerceu anteriormente as atividades de agente funerário, e atualmente, como assistente administrativo não tem mais contato com o corpo morto.

Verifica-se que as auxiliares de serviços gerais (Clarissa e Helena), são responsáveis pela limpeza do estabelecimento e não têm contato com o corpo morto. Macabéa (auxiliar administrativo) e Olívia (secretária) realizam atividades semelhantes de atendimentos aos clientes, recebimento dos planos funerários⁵ e contato com os familiares dos falecidos, e ambas têm contato esporádico com o corpo morto.

Capitu é responsável por fazer e receber o plano funerário, não tendo assim contato com o corpo morto. Quincas Borba é graduado em Engenharia Mecatrônica e oferece serviço terceirizado como consultor, sendo sua atividade principal fazer adequações de acordo com a legislação vigente para a prestação do serviço funerário, além de oferecer benefícios aos profissionais do estabelecimento e clientes, preferindo não ter contato com o corpo, exceto quando necessário.

A seguir, são apresentadas falas que detalham etapas das atividades realizadas pelos agentes funerários, através da descrição do passo a passo que cabe aos mesmos.

Começa desde o atendimento, via telefone, a família chega aqui desesperada, abalada, primeiro a gente vai fazer o atendimento, saber qual foi a causa, se foi causa natural, ou se foi desastre, tem um caminho diferente para todos eles, a questão de documentação é totalmente diferente uma da outra, dá um trabalhinho, então desde o atendimento até chegar o corpo tem muita coisa. A gente pega vários dados, tanto do falecido quanto do familiar, para depois a gente sair, a gente tem que procurar saber se tem túmulo no cemitério ou não, se querem adquirir roupa, ou se vão trazer, então tudo isso interfere, então são vários detalhes. Aí busco, aí eles vão falar o local, se foi no hospital, em via pública, onde que foi, por isso que eu te falo, tem que ver a causa, porque se foi em hospital o médico vai atestar o óbito, caso seja morte suspeita ou violenta, encaminha para o IML (Instituto Médico Legal), primeiro vai ter o boletim de ocorrência, vai ter todo um tramite, para depois buscar. Do hospital, do IML, vem para cá, no primeiro momento a gente já pergunta o estado do corpo, se a família não souber, a gente vê o estado do corpo, a gente vê se vai precisar fazer a preparação que é a tanatopraxia, embalsamamento, ou se vai ser a preparação normal. Quando a gente faz a tanatopraxia (preparação), é para mais de 24h no velório, embalsamento mais de 48h, aí é

⁵ LEI Nº 13.261/2016; Parágrafo único: Considera-se plano ou serviço de assistência funerária o conjunto de serviços contratados a serem prestados ao titular e a seus dependentes na realização das homenagens póstumas (BRASIL, 2016).

mais em caso de aéreo ou terrestre para grandes distâncias, ou nacional ou internacional, tira todos os órgãos do corpo, vai mais a "casca" (Rubião).

Primeiro é você vender a urna, o serviço, depois você pega a urna e vai no hospital, pega o corpo, aí têm os procedimentos certos. Tipo assim, você vai higienizar o corpo, porque as vezes tá mijado, cagado, entendeu, então a gente tem que fazer tudo isso aí, eu, particularmente eu falando, não importo se tem sangue, uma cabeça ali, um braço ali, outro ali, mas o meu problema é vomitado, se eu ver um vomitado aí acabou o homem (risos), isso me incomoda, mas eu tenho que fazer, porque assim, a pessoa quando morre ela vomita, peida, caga, mijá, normal, ela só não vai mexer, mas então tudo tem isso aí, você entendeu, então você está sozinho, você, o corpo e Deus que está do seu lado. [...] Você tem que por no nariz, tampar tudo com algodão, boca, tudo que estiver vazando, que tiver o risco de vazar, você tem que fazer, e tem os outros procedimentos também se tiver muito inchado e roxo, você tem que fazer sugação nele, que é um cortezinho na barriga e você suga tudo isso aí. [...] Aí depois que a gente fez esse trabalho, veste a roupa, arruma as coisas que tem que fazer, flor, enfeite, arruma. Aí leva para o velório, marca o sepultamento, eu não sei se é a mesma pessoa que vai fazer, depende do horário. Faz tudo aqui, faz até café depois que acaba (risos) (Prudêncio).

Pode-se notar que Rubião e Prudêncio trouxeram atividades inerentes à categoria profissional citada, mas cada um o fez de forma singular e com perspectivas diferentes. Reitera-se que o primeiro não é mais agente funerário, e mesmo assim ainda discrimina com riqueza de detalhes as atividades que realizava anteriormente.

Observa-se que as descrições dos agentes funerários estão de acordo com o estudo dos autores Herval e Menezes (2008), em que é relatado que, de modo geral, o agente funerário, após recolher as roupas do falecido, faz a primeira etapa que seria o tamponamento com forro de algodão e pó secante na garganta, no ouvido e nariz, para depois fazer a maquiagem; para a ornamentação é preferível flores artificiais do que naturais, pois, essas últimas aceleram a decomposição. Também, “o parente deve ter o CPF, a Identidade e a Declaração de Óbito, emitida pelo hospital, para fazer a Autorização de Prestação de Serviço, feito isso, o agente funerário e o familiar vão ao cartório para o Registro de Óbito” (p. 26).

Conforme orientações técnicas sobre o funcionamento de estabelecimentos funerários e congêneres, os mesmos para serem assim considerados, deverão desenvolver as seguintes atividades: remoção dos restos mortais do local do óbito até ao estabelecimento funerário em bandejas ou embalagem específica; higienização, limpeza e antissepsia dos restos mortais humanos; técnicas com tratamento químico de conservação do corpo, como embalsamamento e formolização; utilização da tanatopraxia para reconstrução de partes do corpo humano e embelezamento pela necromaquiagem; ornamentação das urnas funerárias conforme tradição, com flores e artigos religiosos; velório e traslado dos restos mortais (ANVISA, 2009).

Os trâmites funerários somente deverão ser realizados após emissão de declaração de óbito pelo serviço médico, sendo possível dar início aos preparativos para o enterro, contratação do velório e funeral, por meio de agências de serviços funerários municipais ou privadas. Cabe a família se decidir pelo sepultamento ou cremação, o primeiro é a opção mais utilizada no Brasil. Comumente já existe um túmulo da família, e a mesma pode optar em enterrar os familiares juntos; se não há um espaço privado no cemitério, pode-se utilizar as “quadras gerais” alugadas por prazo determinado até a exumação⁶ do corpo; a segunda opção consiste na redução do corpo humano a fragmentos de ossos, com altas temperaturas de fogo, que pode ser feito após 24h após o óbito, e o procedimento pode durar 3 horas, sendo necessário uma declaração de vontade, registrada em cartório, pela pessoa falecida, ou autorização de todos os descendentes para ocorrer a cremação (MENDES, 2016, grifo do autor).

Quincas Borba relata quais são suas principais atividades na prestação do serviço terceirizado:

Eu chego, faço a verificação, se os procedimentos estão sendo cumpridos, se eles estão fazendo, como que eles estão fazendo, se tem alguma necessidade de fazer algum treinamento, se tem alguma necessidade de fazer alguma reciclagem, por exemplo, uma atividade pequena, limpeza geral, se está usando EPI, não está usando EPI. Precisa fazer os exames médicos obrigatórios, mas não deu, então assim, tem que fazer, explicar, "ah o meu exame não deu certo", mas se você fizer isso, tomar isso, daqui uns dias você vai conseguir. Tem todo esse respaldo e relação com eles (Quincas Borba).

O participante demonstra que intervém na questão de segurança e medicina do trabalho, respectivamente, ao falar sobre a verificação do Equipamento de Proteção Individual (EPI) e os exames médicos obrigatórios.

Como estabelecido nas normas de funcionamento: “os Estabelecimentos Funerários deverão disponibilizar equipamentos de proteção individual e coletiva, de acordo com o previsto no Programa Médico de Saúde Ocupacional (PCMSO) e Programa de Prevenção de Riscos Ambientais (PPRA)” (ANVISA, 2009, p. 6). A intervenção em segurança e saúde no trabalho não deve se constituir somente de mudanças organizacionais a nível hierárquico e heterodeterminadas, mas sim, dar oportunidades para que o planejamento das intervenções seja pautado nas falas do trabalhador que estão fundamentadas nas suas vivências de trabalho (SILVA; LOPES; SILVA, 2015).

⁶ Retirada dos restos mortais da sepultura, ossos basicamente, que são realocados em uma urna menor ou cremados, sendo regularizado por lei municipal que determina o prazo para que ocorra a exumação (MENDES, 2016).

Indagados a propósito do que pensavam sobre trabalhar numa funerária, os participantes tiveram as seguintes percepções, como exposto na TAB. 1. A percentagem maior foi em relação a percepção de que é algo normal/comum (n=6; 35%) e para desenvolver o trabalho é necessário ter um psicológico preparado (n=3; 17%).

Tabela 1 - Distribuição de frequência das respostas sobre a percepção do trabalho

Variáveis	Participantes	Frequência %
Acostumado	Paulo Honório	6
Dádiva de Deus	Dr. Cícero Branco	6
Gosta	Dom Casmurro	6
Importante	Quincas Borba	6
Início Difícil	Manuelzão, Rubião	12
Necessidade	Dr. Simão Bacamarte	6
Normal/Comum	Clarissa, Olívia, Fabiano, Brás Cubas, Capitu, Helena	35
Psicológico Preparado	Eugênio, Vasco, Prudêncio	17
Tranquilo	Macabéa	6

Fonte: Dados da pesquisa.

Algumas das percepções encontradas:

Eu acho normal (Clarissa).

Para mim ficou normal, quando eu entrei aqui eu achei estranho, morte a gente já fica assim meio assustado, com o passar do tempo a gente vai até acostumando (Brás Cubas).

Na minha percepção, eu acho tranquilo, acabou o sofrimento. Na área de enfermagem já não me serviria, nessa área aqui a gente... eu gosto porque você vê que a pessoa que estava sofrendo não sofre mais, quem sofre são os familiares (Macabéa).

Consideraram “comum” e “tranquilo” trabalharem em uma funerária, no princípio Brás Cubas “estranhou a morte”, mas depois se acostumou; Macabéa traz outra perspectiva, pois, percebe que é um lugar que coloca fim ao sofrimento, provavelmente fazendo alusão ao processo de adoecimento, já que cita a área da enfermagem.

Souza e Boemer (1998), em estudo realizado com trabalhadores de serviços funerários, afirmam que o significado para os mesmos de trabalharem em uma funerária, com base na análise fenomenológica, demonstra que a verbalização de que consideram um trabalho “normal”, seria uma tentativa de equiparar seu trabalho a outros valorizados socialmente, para isso citam profissões com alto grau de responsabilidade como bombeiros, motoristas e enfermeiros.

Macabéa esclarece que só tem contato com a morte no seu fim, o que lhe traz certo alívio, ao contrário de outros profissionais de saúde que acompanham pessoas em fases críticas de doença e sentem a dor da iminência da morte de outrem. Os autores Oliveira-Cardoso e Santos (2017), com relação a um grupo de educação para morte, relatam que estagiárias do curso de nutrição apresentavam dificuldade de lidarem com pacientes graves, apresentando angústia em relação a piora e morte desses, e não sabiam lidar com o sofrimento do paciente e de seus familiares, apresentando temor de não conseguirem realizar o estágio.

Observa-se que, abaixo, a fala de Prudêncio representa os participantes que frisaram que é necessário ter um “psicológico bom” para estarem numa funerária:

Eu trabalhei 13 anos numa gráfica, já fiz de tudo, trabalhei de pedreiro, açougue, tudo. Mas eu nunca imaginava que eu seria agente funerário um dia, é um serviço, assim, que eu adaptei bem, é... a minha história também é uma história meio complicada, é o seguinte, porque eu entrei aqui, passou uma semana minha sogra faleceu, morava junto conosco também, aliás, a gente morava com ela para ajudar a olhar ela porque era muito doente. Uma semana que eu estava aqui... acho que Deus me testou três vezes para eu trabalhar aqui. O primeiro dia faleceu três pessoas, no caso foi a esposa, o esposo, aliás quatro, o filho deles e namorada do filho deles, eles estavam viajando, foi um acidente, no primeiro dia já foram quatro, eu já peguei assim, parecia que eu estava trabalhando há muito tempo, uma foi essa. A segunda foi um dia que deu um acidente na rodovia, o cara pegou fogo todinho assim, ficou desse tamanhozinho, e eu peguei lá na maca e trouxe, três, quatro dias que eu estava aqui. Passou quatro dias minha sogra faleceu, então o psicológico tem que ser muito bom, entendeu (Prudêncio).

Câmara (2011), enfatiza que aos “profissionais da morte” é necessário principalmente competência emocional, sendo que, no caso dos agentes funerários, essa é uma condição para que permaneçam na função, e o equilíbrio emocional diante da função que exercem torna-se um fator preponderante para continuação no trabalho.

Kovács, Vaiciunas e Alves (2014, grifo das autoras), relatam que o Laboratório de Estudos sobre a Morte promoveu cursos com o tema “Morte e os profissionais do Serviço Funerário do Município de São Paulo”, sendo que a proposta do curso surgiu como uma necessidade desses profissionais por cuidados psicológicos; onde muitos afirmaram que eles e seus colegas sofriam de estresse prolongado e como escape usavam o álcool, reconhecendo que existe um limite do tolerável, e isso se difere de pessoa para pessoa.

Paulo Honório foi coveiro por 13 anos, na cidade de São Paulo, antes de ser agente funerário, e afirma estar acostumado ao trabalho que faz atualmente, já que lidar com a morte foi algo que teve contato direto desde jovem.

Eu já acostumei, porque antes de trabalhar em funerária eu era coveiro, a minha vida inteira então praticamente foi mexer com essa área, [...] eu fui morar perto de um cemitério, como eu era bem jovem eu ficava o tempo toda lá vendo os coveiros trabalharem, então aquilo me interessou, fui aprendendo a trabalhar com eles (Paulo Honório).

Segundo os autores Iraha, Silva e Paula (2017), a profissão dos coveiros é um tanto peculiar, a presença desses só se faz notável à outras pessoas quando ocorre a morte de um conhecido ou ente querido delas, ou seja, situações dolorosas e complicadas na maioria das vezes por quem vivencia, é nesses momentos que tais profissionais passam a existir, antes desapercibidos. Assim, tal profissão é reconhecida pela Psicologia do Trabalho e área afins como sendo invisível socialmente.

Dr. Cícero Branco concebe o seu trabalho como oriundo de uma dádiva de Deus, visto que agentes funerários profissionalizados na área são bem poucos. Manuelzão já salienta a dificuldade inicial do trabalho, mas afirma que atualmente gosta de sua função.

Eu acredito que trabalhar numa funerária nada mais é do que uma dádiva de Deus, uma profissão que eu acho difícil a pessoa falar que escolheu, os profissionais da área que tem hoje, que realmente são profissionalizados por escolha, é muito mínimo, porque essa profissão foi legalizada há pouco tempo, até então ela era uma atividade passada de pais para filhos [...] (Dr. Cícero Branco).

O início foi difícil até você conseguir pegar as manhas tudo certinho né. Meu pai abriu para mim e eu continuei. Eu gosto de trabalhar, é uma área boa (Manuelzão).

Câmara (2011) expõe que as funerárias são comumente empresas da família, herdadas pelos proprietários, e surgiram, em princípio, não como uma escolha prévia de atuação no ramo funerário, e sim, por acontecimentos que as levaram a fundá-las e as práticas do trabalho foram repassadas e ensinadas.

Quincas Borba considera seu trabalho como consultor importante por contribuir para adequações físicas e de serviços oferecidos pela funerária:

É uma parte muito importante [...] esse tipo de trabalho que eu faço permite o bom funcionamento de toda a instituição funerária, não só aqui, mas em todas, alguns procedimentos, algumas leis, algumas legislações que eles nem conheciam, com esse trabalho a gente passa a aplicar junto com eles, então a gente passa a ter os procedimentos operacionais padrões (Quincas Borba).

O funcionamento do estabelecimento funerário pode existir se as adequações necessárias forem atendidas, dentre essas, é necessário um Alvará ou Licença Sanitária expedida pela Vigilância Sanitária Estadual/Municipal ou do Distrito Federal, conforme a competência pactuada. Também, ter uma estrutura física adequada; sala ou área administrativa; sala de recepção e espera para atendimento ao usuário; área para embarque e desembarque de carro funerário; sala para higienização, tamponamento e procedimentos de conservação de restos mortais humanos, e diversas outras (ANVISA, 2009).

Nas falas abaixo é apresentado o prazer pelo trabalho e a falta de opção inicial para a escolha desta área de atuação:

Eu gosto de trabalhar aqui (Dom Casmurro).

Eu, o que me levou a trabalhar numa funerária foi precisão, eu não achei outra opção, na época entrei como motorista, opção que teve, não achei outra na época, e fui acostumando, e estou até hoje (Dr. Simão Bacamarte).

Kovács, Vaiciunas e Alves (2014) informam que quanto à escolha de atuação nos serviços funerários, mencionada pelos participantes da sua pesquisa, o motivo foi por se tornarem servidores públicos e não pelas especificidades da profissão, só que, a prática contribuiu para uma importante ressignificação na vida deles. “Essa reflexão nos permite pensar que, mesmo em uma profissão com tão poucos atrativos, pessoas podem encontrar um sentido maior” [...] (p. 947).

3.3.2.2 Dificuldades no contato o corpo morto

Com relação às dificuldades no contato com o corpo morto apresentadas na TAB. 2, destaca-se a preparação do corpo de crianças (n=5; 36%), a segunda, o contato inicial com o corpo (n=4; 29%); e 3 (21%) disseram não haver nenhum problema.

Tabela 2 - Distribuição de frequência das respostas sobre a dificuldade no contato com o corpo morto

Variáveis	Participantes	Frequência %
Criança	Macabéa, Olívia, Vasco, Prudêncio, Brás Cubas	36
Incômodo	Quincas Borba	7
Início difícil	Dr. Simão Bacamarte, Rubião, Eugênio, Dom Casmurro	29
Não	Dr. Cícero Branco, Paulo Honório, Manuelzão	21
Decomposição	Fabiano	7

Fonte: Dados da pesquisa.

As falas apresentadas abaixo evidenciam o sofrimento causado pelo fato do corpo morto ser uma criança, a dificuldade que ocorre na sua preparação para o velório, visto que, pode remeter à possibilidade de morte dos próprios filhos, para quem é pai:

Olha, o mais difícil é lidar com criança entendeu, todo caso é difícil, mas eu acho criança mais difícil, quando morre uma criança em acidente, mesmo morte natural, é difícil, o sentimento é mais difícil (Vasco).

Eu peguei uma vez um menino de oito anos para arrumar, eu chorei demais, tem que ter um psicológico muito bom [...], eu sinto até hoje, o tempo que eu estou aqui, o que eu mais senti foi ele, nossa, depois que a gente é pai, a gente é mãe e tudo assim, a gente pensa muito no filho da gente sabe. Esse dia eu cheguei de ligar para minha esposa e falei nossa eu não vou dar conta de arrumar ele, não dou conta mesmo, sabe, chorando, menino mais lindo do mundo, sabe parecia que ela estava dormindo. [...] Esse dia do tempo que estou aqui, o que mais senti foi ele, mas graças a Deus eu dei conta de arrumar ele, rezei muito por ele, porque não é fácil, não é fácil, quando é criança (Prudêncio).

Igualmente, na dissertação de Câmara (2011), os resultados demonstram a mesma dificuldade: de nove agentes funerários, sete afirmam que os casos de crianças são os mais difíceis, e desses, seis justificaram o fato de terem filhos e relacionarem isso a possibilidade de perda dos próprios filhos. Nos estudos de Souza e Boemer (1998), Kovács, Vaiciunas e Alves (2014) e Flores e Moura (2018), os resultados também foram similares quanto à essa dificuldade.

Dr. Simão Bacamarte expressa as dificuldades iniciais no manuseio com o corpo morto, principalmente devido à falta de proteção e equipamentos adequados. Entretanto, problemas hoje sanados, ao menos na funerária que trabalha:

Hoje em dia, as coisas estão muito mais práticas, quando eu comecei era muito mais difícil, nesse contato com o corpo, você não tinha uma luva, não tinha uma máscara, um avental, hoje está tudo moderno, tem luva, tem máscara, avental para o dia a dia, então você manuseia o serviço com equipamento completo, com proteção. Hoje é mais fácil do que antigamente, no dia a dia. Antes era bem manual mesmo, mão limpa, não tinha esses negócios não. A parte de limpeza, higienização do corpo, essas coisas, hoje em dia tem o serviço de preparação do corpo que seria a tanatopraxia, na lida do dia a dia. Cada caso é um caso, cada corpo exige um cuidado diferenciado, por exemplo, cada dia um caso diferenciado, um acidente, um cuidado específico (Dr. Simão Bacamarte).

A pesquisa de Souza e Boemer (1998) relata que os trabalhadores de funerária sabiam dos riscos à saúde que estavam expostos, uma vez que, os equipamentos de proteção individual

como luvas e máscaras não eram suficientes para garantir a proteção deles e da sua família, porque lidavam com corpos que não estavam em integridade física, com dejetos como sangue e pedaços de corpo. Também, constataram que os trabalhadores careciam de informações importantes para a sua segurança e proteção no dia a dia de trabalho, o que poderia ser resolvido com pouco esforço e investimento por parte de seus empregadores.

Há evidências de que este problema é recorrente para os profissionais que lidam com o corpo morto. Coveiros participantes da pesquisa de Iraha, Silva e Paula (2017), alegaram não haver equipamentos de proteção adequados para exumação de corpos, ainda em processo de decomposição, para necropsia, e tinham contato com líquidos corporais durante a realização da tarefa. Do mesmo modo, os agentes funerários entrevistados por Câmara (2011) salientaram não haver materiais de trabalho com equipamentos de proteção para possíveis contaminações, os deixando vulneráveis a doenças.

A respeito do incômodo diante o corpo morto, Quincas Borba descreve:

Eu acho assim, é muito estranho ver, entendeu, como a gente é, e o que a gente se torna, entendeu, é como se fosse um boneco, é uma coisa assim... a gente começa a questionar várias coisas, o que a gente está fazendo aqui, eu estou fazendo certo, eu estou fazendo errado, para onde a gente vai, quem nós somos, porque assim você vê que é estranho, existe alguma coisa. Na nossa religião católica fala que tem a nossa alma, essa questão da nossa alma não fazer parte mais do corpo e a gente chegar lá e ver só o corpo, é estranho (Quincas Borba).

Profissionais de enfermagem durante o momento de preparação do corpo de seus pacientes, no hospital, vivenciam a morte real de outros seres humanos, o que desperta várias reflexões a respeito da vida dos mesmos: o que a pessoa deixou de viver, as coisas boas que viveu, a falta que fará para seus entes queridos, se sofreu durante a “passagem”, enfim, é notável certa fragilidade diante à mortalidade que não se escapa (RIBEIRO; BARALDI; SILVA, 1998, grifo das autoras).

Ariès (1979, apud Bellato; Carvalho, 2005, grifo dos autores), relata sobre mudanças ocorridas a partir do momento que a Igreja Católica se apossou da morte e de seus ritos, tornando-a ‘clericalizada’, onde o padre passou a ocupar a cena principal e não mais o morto; este último que deixa de pertencer aos companheiros, pares e família, e passa a pertencer à Igreja. Assim, o corpo do morto passa a ser insuportável à visão, antes considerado familiar pelos ritos de morte que os vivos lhe devotavam, deve ser escondido pela mortalha e depois pelo esquite.

Fabiano se refere à repulsa que o corpo em decomposição lhe causa, a saber:

O negócio assim, o difícil e só quando acha um corpo há muito tempo que já morreu, que começa a decompor, aí é muito ruim, eu tenho o estômago fraco, o cheiro é forte, o cheiro é muito forte (Fabiano).

Os agentes funerários demonstram receio em lidar com o corpo em decomposição; o odor é ressaltado como algo que dificulta o trabalho, haja visto que provoca reações autônomas; contudo, conseguem fazer a limpeza mesmo com muitas secreções (CÂMARA, 2011). Outros pesquisadores como Silva, Lopes e Silva (2005), Kovács, Vaiciunas e Alves (2014), Iraha, Silva e Paula (2017), também, relatam a dificuldade apresentada pelos profissionais que trabalham com o corpo morto quando esse se encontra em decomposição, o que é repugnante em nossa cultura.

Conforme Schmitt (2015), na Idade Média o corpo em putrefação ocupava o campo temático na literatura e obras iconográficas; o morto foi mostrado e descrito como em nenhum antecedente, apresentava-se a podridão do abdômen estufado, aberto e cheio de vermes. Foi uma época castigada por fomes e epidemias, como a Peste Negra, que produziu pilhas de cadáveres, e desse modo, os artistas se esforçavam para retratar o realismo mórbido de tais acontecimentos.

3.3.2.3 Vivência do preconceito

Indagados se sofriam algum tipo de piada e/ou crítica em relação ao trabalho que faziam, 15 (88%) dos participantes disseram que sim e apenas 2 (12%) relataram que não (Helena e Quincas Borba). Dos 15 apenas 3 (20%) disseram que isso incomodava (Dr. Cícero Branco, Paulo Honório e Brás Cubas), os outros 12 (80%) disseram que não causava incômodo.

Os relatos dos participantes, abaixo, retratam situações de piadas e/ou críticas vivenciadas, as quais não incomodam. Observa-se que se inclui nesta categoria profissionais que não exercem a função de agente funerário (Clarissa e Capitu):

Eu chego perto delas e elas ficam assim, que cheiro de flor (risos), aí todo mundo fala oua, como você tem coragem, misericórdia. Não. Eu levo na esportiva (Clarissa).

Antigamente o povo falava o urubu chegou, tinha um rapaz no Pronto Socorro que ele sempre falava "o urubu chegou", aí assim, não sou de desfeitear ninguém, ficava na minha, aí chegou um dia que o pai dele morreu, aí eu aproveitei e cheguei nele e falei "seu pai é um urubu"? Não incomodava (Eugênio).

[...] Sempre tem umas piadinhas, "você mexe com funerária, credo não encosta em mim não, você está rezando para eu morrer", não, gente, a gente está aqui para trabalhar, se tem serviço a gente vai fazer o serviço, eu não estou torcendo para a pessoa morrer. As vezes a pessoa me vê, "ou está me medindo aqui para eu morrer mais tarde?", você entendeu. Não me incômoda porque não é isso que eu penso, até então não é isso que eu penso da pessoa. Reajo normal, deixo para lá, porque não adianta discutir (Prudêncio).

Quando eu comecei o povo ficava espantado, "credo, mas eu não vou, nossa, deus me livre, funerária não". Agora não. Mas não é da família, mais são amigos. A menina do meu trabalho anterior quis me fazer a cabeça, disse que era para eu continuar lá, que funerária não era um bom lugar para trabalhar, nesse sentido. Não incomodou (Capitu).

Outros profissionais demonstraram como são afetados pelo preconceito, surgindo sentimento de tristeza e raiva, pois a profissão que desempenham pode suscitar nas pessoas a necessidade de exteriorizar palavras pejorativas:

Já recebi demais, eu até já acostumei com isso; lá em São Paulo que é toda hora, aqui morre menos gente, aí um ficava "carniceiro, urubu", me incomodava um pouco sim na época, eu ficava calado, abaixava a cabeça, porque é um serviço digno como qualquer outro, então eu abaixava a cabeça. Mas depois de um tempo o pessoal acostumou, eu acostumei, hoje em dia não me afeta em nada não (Paulo Honório).

O agente funerário de 88 (década de 80) quando eu comecei, até 95, até os dias de hoje, foi a maior luta que eu tive, que a gente teve, foi a questão do preconceito, a maior tristeza que tem, é quando você é chamado de abutre, de urubu, quando na verdade não é a nossa finalidade, é evidente que estamos aqui para trabalhar em busca de nosso sustento, não deixa de ser uma atividade financeira, mas antes de tudo, tem a ética, claro e evidente que a gente não gostaria de ser tratado dessa forma, porque essa não é a realidade do agente funerário (Dr. Cícero Branco).

No início que eles falavam que eu ficava perto deles só porque queria morto para buscar, mas assim, nem era tanto. Antigamente eu ficava bravo, mas agora assim, eu fico é sem graça, eu sei que não é isso que eles falam, no início a gente ficava chateado assim, bravo com um, com outro, agora levo na esportiva (Brás Cubas).

O preconceito, sendo um tema comum na psicologia social e áreas afins, apresenta um caráter permanentemente atual. Sendo às vezes reduzido a processos automáticos, individuais e psicológicos, ou proveniente de processos relativos às lutas sociais pelo poder, é um construto que pode ser entendido tanto como causa quanto consequência da sociedade e dos agrupamentos sociais (FERNANDES et al., 2007).

Ribas e Gomes (2012, grifo dos autores), afirmam que os “profissionais da morte” sofrem muito com o preconceito da sociedade, inclusive dos próprios colegas que trabalham

em outras áreas do serviço municipal, pois, esses, ao escutarem que trabalham no serviço funerário, desconversam rapidamente, para que não sejam “lembrados” da morte, o que se faz compreensível numa cultura não aceitante do fato de que um dia haverá a partida.

Quando os agentes funerários cuidam do corpo morto, tentam retornar o caráter de “humano”, afinal essa é uma atividade que os fazem entrar em contato com todo o preconceito e discriminação de uma profissão que escancara o que na maioria das vezes não se quer ver: a morte; e assim provocam reações de repulsas nas pessoas (CÂMARA, 2011). Souza e Boemer (1998), Kovács, Vaiciunas e Alves (2014) corroboram a desvalorização social da profissão de agente funerário.

Flores e Moura (2018, grifo das autoras), apontam uma perspectiva diferente para essa problemática, apesar do preconceito vivenciado pelos profissionais que lidam com a morte, o estatuto social da profissão os leva a fortalecer sua saúde subjetiva, ao passo que os forçam a se colocarem em uma posição “diferenciada”, ou seja, perante uma profissão socialmente desqualificada, somente um profissional corajoso e ao mesmo tempo sensível poderá realizá-la.

3.3.3 Percepção e significação do fenômeno da morte

A presente categoria se propõe a expor como os participantes percebem a morte, visto que são profissionais que lidam diretamente com o fenômeno habitualmente, alguns com mais proximidade e outros com algum distanciamento, além disso, elucidar se a morte passou a ter outro significado após a prática do serviço funerário.

3.3.3.1 A morte e suas reverberações

A compreensão da morte perpassa pelo tempo histórico e a cultura vivenciada pelos povos, o que denota, entre outros fatores, como o fenômeno é percebido pelos seres humanos, e quais as manifestações ocorrem diante o mesmo; “[...] o ato de morrer, além de um fenômeno biológico natural, contém intrinsecamente uma dimensão simbólica, relacionada tanto à psicologia como às ciências sociais” (COMBINATO; QUEIROZ, 2006, p. 209).

Os participantes responderam o que seria a morte para eles, surgiram diferentes percepções como demonstrado na TAB. 3. Respostas similares, com maior frequência, foram a percepção da morte como sendo uma passagem (n=3; 17%), relacionada à religião e a morte como processo natural (n=4; 23%); em seguida, foram a sequência da vida e única certeza, com a mesma quantidade (n=2; 12%), e as demais respostas como dever cumprido, fim, não sei, passagem, preparado e sem saída, com a mesma porcentagem (n=1; 6%).

Tabela 3 - Distribuição de frequência das respostas sobre a percepção da morte

Variáveis	Participantes	Frequência %
Dever cumprido	Dr. Cícero Branco	6
Fim	Macabéa	6
Não sei	Vasco	6
Passagem	Brás Cubas	6
Passagem/religião	Prudêncio, Quincas Borba, Rubião	17
Preparado	Paulo Honório	6
Processo natural	Olívia, Fabiano, Capitu, Helena	23
Sem saída	Manuelzão	6
Sequência da vida	Dom Casmurro, Dr. Simão Bacamarte	12
Única certeza	Clarissa, Eugênio	12

Fonte: Dados da pesquisa.

Quincas Borba compreende a morte como a possibilidade de um outro início, uma passagem para outras dimensões, uma percepção mais ampliada do que algumas concepções religiosas; ao contrário, Rubião acredita que a morte seja uma passagem/transição para outro lugar que não nomeia, mas diz acreditar, de acordo com sua religião, que existe a ressurreição. Apreende-se nas falas dos dois participantes:

Eu não acredito na morte em si, eu acredito que a morte é só o início, não é o fim, eu tenho uma concepção contrária do que muita gente fala, eu acredito que nós estamos aqui de passagem para melhorar alguns aspectos físicos, humanos, de atitude, algumas coisas que a gente tem que fazer, e eu acredito que, assim, o momento da morte não é aquele momento de prestação de conta que você ou vai para o céu o vai para o inferno, não, eu não acredito em céu e inferno, eu acredito que todo mundo que vai para algum lugar está de acordo com o que fez aqui, e eu acredito que tem o recomeço. Eu não acredito que morreu acabou, eu acredito que morreu essa matéria física que estamos, mas depois que a nossa alma sai do corpo, eu acredito, não sei, que existe outros planetas, outras dimensões [...] (Quincas Borba).

Para mim, é uma..., porque eu sou católico, então eu creio sim que tem a ressurreição, para mim é uma transição, você morreu aqui na terra, vai viver em outro lugar, é uma passagem, muitos de nós não aceitamos, porque nós estamos aqui numa fila, não sabemos que tem a senha um do outro, vai ser chamado em algum momento. Eu aceito bem, é uma passagem como eu te falei, é um presente de Deus, assim como ele deu, ele vai tirar (Rubião).

Num plano especulativo de explicações metafísicas a morte seria um acontecimento natural, isto é, um evento que tem estreitas relações com os processos da natureza, assim, a vivência da morte seria uma possibilidade de vislumbrar toda a verdade que impera sobre a vida humana e cósmica, para conhecê-la a pessoa não teria a sua destruição total na experiência da morte física, pois isso permitiria uma “passagem” para uma outra esfera mais elevada da existência (NASCIMENTO; ROAZZI, 2007, grifo dos autores).

Na Idade Média, como destaca Rodrigues (2013), a morte era vista como algo cotidiano, não sendo concebida como a grande ruptura com a vida, mas sim constituía-se como um sono, pois, acreditava-se que mortos iriam acordar no paraíso no dia do Grande Despertar, quando homens e mulheres se ergueriam das sepulturas de corpo e alma e desfrutariam, junto à corte celeste, da eternidade, onde quase todos seriam salvos, com exceção dos hereges, sacrílegos, regicidas, pagãos, suicidas e demais.

O símbolo religioso deve ser uma fonte inquestionável da verdade, e para que assim seja visto, essa deve se transpor a lógica da verdade humana, para isso deve conter em si algo que a vincule ao sobrenatural, que a impeça de ser de alguma maneira ameaçada (PINEZI, 2009). “A religião traz, de um modo geral, uma forma de contenção às angústias de morte, pois oferece alternativas de continuidade, configurando um ‘sentido maior’ para a existência” (FRANCO, 2007, p. 118, grifo da autora).

Dr. Cícero Branco diz que a morte é um propósito de Deus, a compreensão sobre a vida existe por causa dessa, é um dever cumprido na terra:

Porque o seguinte, a gente entende que após mexer com isso há muitos anos isso nada mais é que um propósito de Deus, a pessoa vem aqui passa por um período de vida, e como chegou para aquela pessoa naquele momento, apesar da gente ter todo o respeito pelo corpo, mas a gente tem que entender que aquilo ali é uma naturalidade da própria vida, porque para que se tenha vida, para que se entenda sobre a vida, tem que existir a morte. A morte para mim eu acho que é o cumprimento, quer dizer, o fechamento de um dever cumprido na terra (Dr. Cícero Branco).

Acerca da atitude de graduandos na área da saúde frente a morte, o estudo de Souza et al. (2017), demonstrou que, predomina uma aceitação neutra desses discentes, sendo compreendida como mais um acontecimento dentre outros na vida, seguida pela aceitação religiosa – uma vida feliz após a morte, a crença na paz e harmonia com Deus. Quanto ao medo da morte, o mesmo manifestou-se nos participantes mais jovens, que junto ao evitamento da morte, são defesas do ego contra o sofrimento.

Capaverde, Oliveira e Sheffer (2017), citam que os profissionais que trabalham com a morte redimensionam a percepção sobre a mesma, muitas vezes fazem alusão a possibilidade de outras vidas além dessa, ou, evoca outros cultos religiosos. A reflexão proposta pelas autoras seria de que se esses trabalhadores estivessem em outro ambiente de trabalho que não suscitasse a convivência com a morte, provavelmente não precisariam evocar a religião para melhor relacionarem-se com seu objeto de trabalho.

Vasco não sabe dizer o que é a morte, expressa sua percepção exemplificando que ninguém voltou dessa para contar; Brás Cubas refere-se a finitude humana que chega repentinamente, por vezes; já Paulo Honório inicialmente diz que não sabe o que seria a morte, mas saber dizer que está preparado. A saber:

É uma boa pergunta, muita das vezes eu me pergunto o que seria a morte, eu não sei te responder essa pergunta, infelizmente eu queria saber, talvez eu te faça a mesma pergunta, entendeu. Acho que ninguém consegue falar o que é a morte, porque, quem morreu nunca voltou para contar, então eu acho que ninguém sabe (Vasco).

Para mim mesmo, é apenas uma passagem, como se diz você está tranquilo aqui e na mesma hora você pode ir (Brás Cubas).

Olha, eu não sei te falar o que é morte, o que posso te dizer assim sobre a morte, para quem morre não vê mais nada, triste para a família que está ficando, que chora, que sofre, então quem morre não vê mais nada. Então eu acho assim, se a morte vir para mim, dependendo a causa, eu estou preparado, é uma coisa que não se pode evitar, eu estou na estrada, a gente não sabe se sofre um acidente ou não, se pega uma doença ou não, e acaba morrendo, para mim é normal (Paulo Honório).

Existentes, os seres são marcados por uma temporalidade e incompletude, mas que é encoberta, na tentativa de prevalecer a ideia de seres especiais, pois, tem-se a dificuldade em lidar com a concepção de finitude. O projeto da modernidade preconiza um indivíduo hegemônico, com aspirações de dominação da natureza, assim, a morte, em contrapartida, desafia esses ideais, ao trazer estranheza e ruptura na ordem do absoluto. Contudo, é necessário pensar a morte para pensar a existência humana, uma condição irremediável de estar lançado num futuro desconhecido, que tem a morte ao final como limitador; apesar disso, esse nada imposto, traz também outras possibilidades de sentido e diferentes formas de pensar e agir (DANTAS, 2010).

A modernidade, retratada por Augusto (1994), faz com que a morte deixe de ser um momento de passagem para outra existência, na qual se teria o retorno positivo ou negativo do que se viveu, e passa a ser um fim implacável, opondo-se a ideia anterior de eternidade, a

finitude humana é constatada. O tempo também passa a ser considerado irreversível, contrapondo-se à percepção anterior da repetição cíclica de situações, logo, é necessário viver de modo integral o presente, com urgência para aproveitar o tempo disponível, e realizar as obras humanas.

A morte significa que nada irá acontecer após a mesma, nada que se poderá tocar, cheirar, ver, usufruir ou lamentar-se, por isso permanece incompreensível para os que vivem. Esse é o limite quase intransponível para a imaginação humana, não há como imaginar um mundo no qual não se está mais. Morrer é adentrar ao desconhecido, o incognoscível, e mesmo que supostamente haja uma “preparação”, com o acúmulo de conhecimentos e habilidades – a sabedoria da vida, ainda assim, quando a morte vier encontrará o ser humano despreparado (BAUMAN, 2007, grifo do autor).

Alguns se mostraram aquiescentes frente a morte – Olívia considerou a morte um processo natural; Dom Casmurro como uma sequência do desenvolvimento humano, demonstrando aparentemente aceitação do fato; Clarissa a apresentou como uma certeza que todos têm; Manuelzão a considera uma constatação da qual não se abstém. Apreende-se:

A morte é uma coisa natural, todo mundo vai passar por ela, um dia ou outro, não tem jeito de escapar. Quando não é família da gente, a gente nem sente, mas igual eu, nunca perdi pai, mãe, então não sei como que eu possa me relacionar com isso (Olívia).

Eu acho assim, tem que morrer senão não vai caber no mundo, é muita gente, tem uns nascendo, outros morrendo, como que faz, tem que morrer para dar lugar para os outros, cresce, a gente vive, fica velho e morre (Dom Casmurro).

Eu acho que faz parte, todo mundo vai um dia (risos), não tem como evitar, e a única certeza que temos (Clarissa).

A morte é uma coisa meio difícil, mas tem que contentar com ela, não tem outra saída (Manuelzão).

A morte terá, em cada cultura e cada tempo, um significado atribuído a ela. Primeiramente, o significado será externo ao indivíduo, pertencendo à cultura, mas à medida que é internalizado, passa pela mediação do psiquismo e adquire um sentido singular, se torna um instrumento subjetivo da relação do indivíduo consigo mesmo. Os conteúdos externos da realidade objetiva passam a ser construídos socialmente pelas experiências do indivíduo e por outras gerações (COMBINATO; QUEIROZ, 2006).

Existem apenas duas situações na qual o ser humano pode vivenciar a experiência de morte, segundo Bauman (2007, grifos do autor), a experiência da morte de “segundo grau”,

quando há morte física de um companheiro-na-vida, o fim de um compartilhamento de um mundo eu-você. Já o rompimento de um vínculo inter-humano, como o término de um relacionamento, seria a experiência de morte de “terceiro grau”, que sela também o fim, mesmo que, diferente da morte verdadeira, possa ressurgir dos mortos, e ser reatada a relação. A própria morte se torna “banalizada”, quando esta última experiência passa a ser frequente diante os vínculos humanos frágeis.

Macabéa também se refere à religião ao falar da morte e, ao mesmo tempo, com tom humorístico diz que não morreu para saber, porém, enfatiza que acredita ser o fim.

Acabou, o fim. Eu acho assim... tem aquela questão da religião, que entra religião, mas até então eu não sei, porque que eu não morri ainda (risos). Não sei. A morte para mim ali é o fim, acabou, não tem mais. Eu acredito assim, na possibilidade de uma criança vir ao mundo porque outra faleceu. Agora, vai vir, vai ressurgir em outra pessoa, outro corpo, não, isso aí não (Macabéa).

Ferreira et al., (2013) realizaram uma pesquisa com quinze psicólogos de quatro hospitais, para investigar os conhecimentos, atitudes e habilidades que esses tinham relacionados à morte. Semelhantemente a Macabéa, cinco psicólogos conceberam a morte como o fim da vida; surgiram, também, dúvidas sobre a própria definição de morte. Alguns viam a morte como algo natural e necessário, já outros manifestaram medo na possibilidade de morrer com dor ou muito cedo e medo da morte dos familiares, e um afirmou não ter medo da própria morte.

A morte em seu aspecto biológico e racional pode ser mais facilmente aceita como um acontecimento cotidiano, como o encerramento do ciclo humano do nascer até o morrer, o que permite a continuidade da espécie. No entanto, quando ocorre, evidencia o contexto emocional no qual se insere, a representação de ruptura de um vínculo com alguém que se goste ou não, que não estará mais no mundo dos que vivem. Diante disto, no hospital, a enfermagem costumeiramente é a primeira a lidar e a “sentir” com a morte do paciente, o sentimento de impotência, piedade, medo, sensações desagradáveis e angústia podem ser manifestados (RIBEIRO; BARALDI; SILVA, 1998, grifo das autoras).

3.3.3.2 Significado da morte após a prática dos serviços funerários

Diante da questão do significado da morte antes da prática profissional no serviço funerário, os participantes assim se manifestaram: 12 (71%) disseram que continuava o mesmo,

e 5 (29%) disseram que foi modificado (Macabéa, Clarissa, Paulo Honório, Prudêncio e Rubião), ou seja, esses últimos afirmaram que as atividades profissionais contribuíram para que modificassem a percepção sobre a morte.

Algum dos participantes, que disseram que a morte não havia modificado o significado, apresentaram a seguinte justificativa:

Não. Porque eu era nova, para falar a verdade eu nem sabia praticamente o que era, não pensava, quando a gente é nova a gente não pensa sobre isso, quando eu entrei aqui eu tinha 16 anos, então... (Olívia).

Não. Como é natural o nascimento, o processo de morte também, a pessoa vai morrer (Capitu).

Na verdade, assim, não mudou, porque eu sempre tive essa linha de pensamento, essa percepção, e eu procuro sempre estar lendo, estudando, estar assistindo palestra [...] (Quincas Borba).

Tem o mesmo significado até hoje, principalmente, antes de mexer com funerária, tem duas distinções, antes a morte chegava na minha casa só no ente querido mais próximo, o significado daquela época que ainda é o mesmo de hoje, e o significado de perda, de comoção, de tudo isso, não deixa de ser meu parente, o sentimento daquela pessoa recai sobre mim também. O significado de 30 anos atrás, como parente, como perder um ente querido, é o mesmo até hoje (Dr. Cícero Branco).

Nota-se que mesmo aqueles profissionais que lidam mais diretamente com a morte (os agentes funerários), muitos disseram que a percepção não modificou.

Olívia refere-se a sua incompreensão da morte por causa de sua idade, e traz uma interrogação se a etapa do desenvolvimento humano em que a pessoa está poderá influenciar nessa percepção. Barbosa, Melchiori e Neme (2011) investigaram como as pessoas, em diferentes fases do desenvolvimento humano, lidam com a questão da morte e da própria finitude. Observaram que os adultos compreendem a morte como um acontecimento que chega para todos, e do qual não se escapa, mas há muita dificuldade em falar da própria finitude, com muitos temores e angústias. Os idosos, com o avançar da idade, demonstram maior aceitação com a proximidade da própria morte e apresentaram reflexões quanto a brevidade da vida. Já os adolescentes apresentam tentativas de banalizar a morte com esquivas e a colocam como algo remoto.

A compreensão da morte ao longo do desenvolvimento humano é contínua e dinâmica: desde a infância as pessoas têm contato com esse fenômeno, mas é a partir da adolescência que existe realmente uma compreensão do significado da morte. Quando adultos, concebe-se que tal fato possa vir a ocorrer, todavia somente na velhice, última etapa no ciclo do

desenvolvimento humano, essa possibilidade passa a ser mais aceita (HOHENDORFF; MELO, 2009).

Capitu destaca a questão da morte como processo do desenvolvimento humano, e Quincas Borba reafirma sobre reflexões filosóficas construídas no decorrer da sua vida. Segundo Kovács (2005), a morte faz parte do desenvolvimento humano desde a mais tenra idade, acompanha o ser humano em seu ciclo vital e vai lhe deixando marcas nesse decorrer. Surge muitas indagações que são constantemente formuladas: “De onde viemos e para onde vamos? Será a morte o final da existência, ou somente transição, o final do corpo físico, a libertação da alma? Haverá outras vidas? Será a alma imortal? Será a nossa existência um caminhar para a evolução de cada ser?” (p. 485). Torna-se um desafio para muitos profissionais o preparo para esse acontecimento tão presente na vida, a morte.

Dr. Cícero relata que o significado permanece o mesmo de trinta anos antes de estar no serviço funerário, e justifica-se pelo sentimento de perda, e agora, a diferença e que sente também não só pelo ente querido. Para o filósofo Schopenhauer (2000), a morte é um acontecimento inegável, para a consciência natural. O temor da morte se sobrepõe a tudo, não somente para si, como também, o intenso choro se manifesta para os seus próximos, por isso, censura aqueles que não se manifestam e não demonstram aflição como desprovidos de sentimento e amor, não por ser egoísta relativo à sua própria perda, mas pela compaixão da desgraça que lhe sucede.

Para cinco participantes do presente trabalho, a morte tinha um outro significado anterior ao serviço funerário. Abaixo tais manifestações:

Tinha, muito. Aprendi muito e melhorei muito minha vida por causa da morte, e assim, hoje eu sou uma pessoa cem por cento melhor do que eu era, eu sou uma pessoa mais humilde, eu sou uma pessoa mais pé no chão, mais família [...]. E depois que eu vim trabalhar nessa área, mudou muito o meu pensamento, tudo, a minha vida. Assim, porque às vezes você não é nada, você não é nada, a gente não é nada, a gente está aqui conversando agora, não sei, daqui um minuto pode entrar uma pessoa aqui, dar um infarto, qualquer coisa pode acontecer [...] (Macabéa).

Alterou, porque me fez ver que ninguém é melhor que ninguém, que todo mundo vai estar ali numa cama de tanato (Clarissa).

Nossa, tinha, demais. Nossa isso aí, tinha muito, hoje eu vejo as coisas diferente, eu tinha uma visão diferente antes de estar aqui, hoje que eu estou aqui, eu vejo que a gente não vale nada, as pessoas ficam abusando dos outros só porque tem mais dinheiro, sabe, abusando de um tonto, de um mendigo, de um traficante, de um que mexe com droga, eu vejo isso como uma palhaçada, entendeu. Muita gente fala assim “o cara mexe com droga morreu tarde”, não

é assim gente, ele tem uma mãe, tem um pai, que está sofrendo aquilo ali [...] (Prudêncio).

Macabéa, Clarissa e Prudêncio, numa mesma direção, afirmam que mudaram o seu significado da morte com a prática dos serviços funerários. Porém, diferentemente falam sobre a condição de igualdade à finitude inesperada/esperada a que todos os seres humanos estão vulneráveis. Sobre essa consciência da existência da morte, Bauman (2007), afirma que, não obstante, o ser humano compartilhe com os animais tal consciência da aproximação da morte (deram um nome para o fenômeno) e o pânico que disso decorre, somente aqueles sabem desde o início da vida consciente que a morte é inevitável, sem exceção, todos são mortais. Desse modo, o ser humano consciente desse fato é obrigado a conviver com esse conhecimento por toda a vida, no decorrer dessa, estão susceptíveis a inúmeras consequências que se mostram inevitáveis.

Sobre a indestrutibilidade do ser-em-si, da qual a morte não é capaz de findar, Schopenhauer (2000), analogamente, relembra o fato que as plantas continuam verdes e florescerem, os insetos continuam a zunir, o animal e o homem permanecem na juventude indestrutível; ademais, as cerejas inúmeras vezes desfrutadas, a cada novo verão retornam novamente. Também, os povos continuam como indivíduos imortais, o agir, o laborar e o sofrer sempre são os mesmos, ainda que a história pretenda contar algo diferente, assemelha-se a um caleidoscópio, que em cada giro surge uma nova configuração, mas temos ainda a mesma coisa diante os olhos.

Paulo Honório comenta do seu pavor quando criança dos mortos, e que após entrar no serviço funerário, o fez ainda jovem, se dissipou o medo:

Tinha medo, quando eu não mexia nesse ramo de cemitério, eu tinha medo, quando eu era criança, não podia nem ver um defunto na minha frente que eu nem dormia de noite (Paulo Honório).

“De fato, o temor da morte é independente de todo conhecimento: pois o animal o possui, embora não conheça a morte. Tudo o que nasce já o traz consigo ao mundo. Esse temor da morte a priori é, entretanto, justamente apenas o reverso da Vontade de vida, que nós todos somos” (SCHOPENHAUER, 2000, p. 62, grifos do autor).

Rubião evidencia que, com o passar do tempo, a morte passou a ser uma aceitação para si, lembra-se que fora anteriormente agente funerário.

Até então eu acho que nem compreendia direito, para ser sincero, depois a gente vai vendo a situação, que a gente vai aprofundando naquilo dali, a gente vai tendo uma visão melhor, porque antes a gente começa muito inocente, a gente tem muito sentimento, muita das vezes aquilo atrapalha o atendimento. Passei a compreender melhor, antes a gente se abalava muito, até você realmente compreender que a gente está aqui de passagem, um presente mesmo de Deus, que a gente vai ter que devolver nossa mãe, nosso pai, antes a gente não queria aceitar, agora a gente já aceita melhor [...] (Rubião).

Câmara (2011), escreve sobre a necessidade da racionalização da morte como objeto de trabalho, sendo “natural”, “uma passagem”, “uma certeza”, frente a prática do serviço que os agentes funerários desempenham, contudo, quando é voltado para o âmbito pessoal trazem junto todas as emoções que perpassam a dor da perda.

3.3.4 Sentimentos emergidos

Será que os sentimentos perante a morte de pessoas desconhecidas e dos entes queridos são similares? O trabalho que realizam é leve, pesado ou como qualquer outro sentimentalmente, varia de acordo com a função? Nesta categoria procurou-se responder essas indagações, identificando os sentimentos apresentados pelos participantes quando lidam com mortes de pessoas desconhecidas, alguns frequentemente, outros não, conforme a função exercida, e quais sentimentos apareceram perante a morte de seus entes queridos. Por fim, como qualificam o sentimento que sentem perante a sua prática profissional.

3.3.4.1 Pessoas desconhecidas

Os sentimentos são variáveis e inúmeros a depender de cada momento que a vida os remete ao ser humano, pode ser que a morte talvez os intensifiquem mais. Os sentimentos emergidos nos relatos dos participantes em relação as pessoas desconhecidas foram compaixão, empatia, insatisfação, sofrimento momentâneo e alguns não demonstram.

Quincas Borba demonstra sua compaixão pelos familiares que perderam seus entes queridos, identifica-se com o sofrimento do outro, e cita o exemplo de uma mãe que falecera no parto, no dia da entrevista:

Com familiares o sentimento que eu lido é muita compaixão, sabe, não é como se diz, bondade não, é compaixão, por aquele sofrimento, aquela dor, aquela perda, então assim, a gente vê mesmo pessoas de idade, entes queridos que a gente não queria que fosse, da mesma forma a gente vê criança, a gente vê igual hoje, uma mãe de trinta e um anos que faleceu no parto, e hoje, na concepção de saúde, é muito difícil, alguém falecer no parto, vir a óbito, então assim, nossa como isso aconteceu? Então é um sentimento de compaixão com a família, porque querendo ou não, você vê a tristeza das pessoas [...] (Quincas Borba).

Dalcol (2014, grifos da autora), apresenta a compaixão sobre a ótica de Schopenhauer, na qual o ser humano justo seria aquele capaz de se identificar com o sofrimento do outro, uma cisão na diferenciação dele e os demais, em primeiro momento. Depois pode vir a agir compassivamente, ou seja, não cometendo injustiça contra outrem e até mesmo ajudá-lo afetivamente, num segundo momento; assim, quando se sucede tal situação na qual não existe mais diferença entre o “eu” e o “outro”, ocorre a identificação, os sofrimentos alheios são vivenciados como se fossem os da própria pessoa.

A compaixão seria então, na perspectiva schopenhaueriana, um estado psicológico intencionalmente direcionado para o alívio do sofrimento, implicando que a pessoa seja capaz de identificar-se com a outra, numa relação de proximidade. Destarte, a compaixão seria um tipo de reconhecimento pessoal, íntimo da vontade humana, a essência, pertencente a todas as coisas, inerente a própria existência (DALCOL, 2014).

Dr. Simão Bacamarte demonstra empatia pela dor da perda que outros vivenciam, compara à sua própria dor quando perdeu um ente querido:

Eu respeito muito o ente querido, você vê a dor dele, a gente mesmo ser humano já passou por isso, já perdi pai, mãe, neto já perdi também, então assim, eu sei que a dor não é fácil não. Eu acho assim, só o tempo mesmo que te dá o conforto para passar. É coisa de momento, o coração dá uma abalada, mas retorna também (Dr. Simão Bacamarte).

A empatia corresponde a uma aptidão de comunicação que se adequa cada vez mais as necessidades da época atual, sendo a capacidade de entender os sentimentos e pensamentos das outras pessoas e o demonstrar de maneira sensível e apropriada, o que tem sido muito valorizado nas relações tanto pessoais quanto profissionais, promovendo uma melhora na qualidade das relações interpessoais (FALCONE, 1999).

No estudo realizado com dez profissionais de enfermagem, de um hospital de Porto Alegre, os pesquisadores Kuhn, Lazzari e Jung (2011), encontraram o sentimento de empatia experimentado pelos profissionais diante da morte e do cuidado ao paciente que acabara de

falecer, com a capacidade de se colocar no lugar do outro e oferecer algum cuidado aos familiares.

Outro estudo identificou que os profissionais de serviços funerários gostariam de aprimorar a relação com as pessoas que atendem, querem ser empáticos e colocar-se no lugar daquele que sofre a perda de um ente querido, por isso, foram à busca de um curso com profissionais de psicologia para se tornarem melhores cuidadores (KOVÁCS; VAICIUNAS; ALVES, 2014).

Dr. Cícero Branco fala do corpo morto, ao relatar sua insatisfação perante o sofrimento que a família vive, enfatiza que o seu sentimento não é em relação a esse, mas a situação em si vivenciada pelos familiares:

[...] a ideia de mexer com o corpo de mexer com o serviço funerário propriamente dito, arrumar o corpo, levar para o velório, ainda me deixa num constrangimento, numa insatisfação muito grande, porque o que eu sinto não em relação ao corpo, mas aquela situação que a família está passando me constrange, me deixa numa situação desconfortável, até hoje (Dr. Cícero Branco).

“A nossa experiência com as situações de morte e morrer advém da morte do outro, que nos remete à percepção de que também somos seres para a morte e que, em algum momento de nossa existência, passaremos pelo processo do morrer” (SOUZA; BOEMER, 2005, p. 52). Conforme as autoras, o contato com a morte do outro pode despertar a consciência para a própria finitude, assim, Dr. Cícero Branco também pode ter sido remetido a esse fato, se cogita sobre essa sensação “desconfortável” ser oriunda disso.

Dr. Cícero demonstra que o contato com a família lhe ocasiona um despertar de sentimentos. Câmara (2011), evidencia que o profissional do serviço funerário está sujeito as reações de dor expressadas pelos familiares ainda inconformados à realidade da morte.

Alguns participantes disseram não sentir a morte dos outros, consideraram normal, explicaram que a rotina de trabalho os fez acostumarem-se. Outros afirmaram sentirem sofrimento, todavia o consideraram momentâneo. Brás Cubas pontua que o início foi mais difícil, mostra que a prática modificou o que sentia:

Normal. A gente fica meio fria nessa parte, aí nem sente (Olívia).

A gente vai ficando muito tempo no serviço, você vai acostumando, acha normal se entendeu. Tem uns que você acha ruim, mas passa rápido, tem nada a ver não (Dom Casmurro).

Mais e momentâneo, mas no começo era bem complicado mesmo (Brás Cubas).

A gente sabe que é um momento sofrido, a gente sofre e tudo, mas tem que entregar pra Deus e a vida tem que seguir (Helena).

Os profissionais funerários, assim como os profissionais de saúde, por vezes, precisam encobrir seus sentimentos; espera-se que não envolvam com familiares ou com o falecido, imprimindo certo “profissionalismo”, ou seja, que demonstrem respeito pelo trabalho que realizam, com certo distanciamento, sem envolvimento com os sentimentos dos enlutados; a sociedade espera esta atitude técnica. Assim, conclui-se que existe uma frágil fronteira entre envolvimento, cuidado e distanciamento para que esses profissionais consigam dar conta da tarefa que lhe é incumbida (KOVÁCS; VAICIUNAS; ALVES, 2014, grifo das autoras).

Semelhantemente a esse distanciamento apresentado nas falas acima, o estudo de Oliveira, Brêtas e Yamaguti (2007, grifo nosso), com estudantes de enfermagem, também o encontrou o mesmo nas falas dos discentes, e o explicaram como sendo um mecanismo de defesa e proteção contra o sofrimento; ao processo da morte passa a ser comum o “endurecimento”, o fenômeno é avaliado como pertencente a rotina.

3.3.4.2 Entes queridos

A perda de alguém importante foi mencionada por 15 (88%) participantes e 2 (12%) disseram não terem perdido ninguém (Olívia e Brás Cubas).

Quando a morte se fez presente num ente querido os sentimentos que surgiram foram similares aos já citados anteriormente, a diferença é que foram intensificados nos relatos, os participantes demonstraram mais dor pela perda, e o processo de luto também se manifestou.

Dom Casmurro, ao falar de sentimentos, menciona o enfeitar do corpo morto de seu ente querido, sua mãe, o que considerou normal. Eugênio menciona que não conseguiu fazer a tanatopraxia com o corpo da avó, mas fez o restante dos procedimentos; diferente de Manuelzão, que diz ter sido o responsável por todo processo com o corpo do irmão; e Rubião, da mesma forma menciona, o lidar mais fácil com a situação. Todos demonstram sofrimento:

Já morreu meu pai, minha mãe. Normal. Eu mesmo que arrumei minha mãe, eu que quis enfeitar ela, arrumei do jeito que eu quis. É difícil porque a gente gosta, assim, para preparar ela, mandei meu colega preparar, para enfeitar foi eu que enfeitei, se entendeu (Dom Casmurro).

O que me arreventou foi minha avó, até no dia foi eu que limpei e arrumei, mas pedi ajuda, a tanatopraxia foi outra pessoa. Ó ameniza, mas esquecer, você nunca esquece, eu tinha ela como mãe, lembrança no dia das mães e no dia do aniversário dela (Eugênio).

Foi difícil lidar, meu irmão faleceu em Belo Horizonte, inclusive fui lá, busquei ele, mas não é fácil não. Toda a preparação foi eu (Manuelzão).

Meu avô. Eu lidei mais tranquilo, justamente aquele passo a passo, depois que você entra nisso e vai vendo como que é, você vai lidando melhor com a situação. No momento é difícil, porque eu tive que lidar com tudo, desde lá o hospital quando o médico deu a notícia, eu vim aqui arrumei o corpo do meu avô, eu não arrumei ele todo, porque assim, falei que a preparação eu não ia olhar não, mas depois ajudar o restante, arrumar a roupa, essa coisa, eu ajudei. Teve tias, primos. Vai lidando melhor com a situação (Rubião).

Segundo Câmara (2011, grifos da autora), com relação aos agentes funerários do seu estudo, diante da morte do ente querido, preferiram “arrumar” seus familiares e participar de todos os preparativos, como uma forma de demonstrar os seus últimos cuidados e garantirem uma partida “digna”. Ou seja, o corpo morto torna-se o ofício desse profissional, vai ocorrendo a dessensibilização com a prática, sendo que a preparação do mesmo para eles representa um re-humanizar, conforme a autora assim o considera, o suavizar das feições da morte, uma forma da família o reconhecer ainda como um membro seu. A pesquisadora ressalta, que com relação a vivência de morte, todos os agentes funerários entrevistados mencionaram perdas significativas no âmbito pessoal, a dor sentida não é diferente daquela sentida por outros que não tem a morte como ofício de trabalho.

Os sentimentos sobre a morte e o morrer não foram os mesmos ao longo da história humana, a percepção da morte foi diferente em cada época, o que se relaciona ao sentir. Rodrigues (2013), relata que, na Idade Média, o moribundo cercava-se de seus amigos no seu leito, parentes, vizinhos e animais, publicamente quitava suas dívidas e falava de seu testamento. Uma cena mais ou menos padronizada nesse período, a pessoa que ia morrer detinha o controle do seu próprio ritual de falecimento, ao conduzir as confraternizações com os presentes, transmitir suas riquezas e fazer as confissões públicas dos seus pecados.

Dr. Cícero Branco descreve acontecimentos que permeiam o velório, observado em sua prática, quando a pessoa lida com a perda do ente querido:

Eu costumo dizer o seguinte que não só pra mim, mas para qualquer pessoa, lidar com a perda de um ente querido, existe três fases, isso você pode perceber e observar o seguinte, a primeira fase é o choque, a hora que conta, a segunda fase é a anestesia, a hora que passa o velório, está todo mundo ali, você acredita, mas não quer acreditar, o período do velório é a anestesia, depois

vem o período da realidade que é quando todo mundo vai embora, não tem nenhum amigo perto de você, você vai para casa, e aí você vai realmente sentir a perda e a falta que aquele ente querido faz para você, eu considero assim (Dr. Cícero Branco).

Os rituais são importantes para dar sentido e significado às situações de crise. O ritual do velório teve uma das suas origens na necessidade de se confirmar a morte; historicamente a ciência tinha dificuldades de afirmar a morte e podia acontecer das pessoas despertarem estando já enterradas, o que seria a confirmação de um grande medo do ser humano, o de ser sepultado ainda vivo. Além disso, o velório pode representar uma despedida com o corpo presente, significativa para aqueles que não estiveram no momento da morte da pessoa. Nos dias atuais não existe mais a necessidade de velar o corpo para ter certeza da morte definitiva, porque o atestado de óbito é uma confirmação disso. Também, o espaço de despedida, a reunião de familiares e amigos, a preparação do corpo no caixão, as velas e as coroas passaram a ser responsabilidade dos velórios que são organizados pelos serviços funerários (KOVÁCS; VAICIUNAS; ALVES, 2014).

Algumas transformações em relação aos ritos fúnebres perpassaram a história, não diferente no Brasil; anteriormente, o falecido tinha muita influência no quanto o período de luto duraria, conforme a instrução do seu testamento seria feita diversas missas em seu nome. Havia a presença de muitas pessoas no leito do moribundo, a morte era um acontecimento público e ocorria dentro da própria casa da pessoa. As modificações que aconteceram predisseram que o velório passasse a não ser feito na própria residência, as companhias funerárias especializadas na lida com a morte se incumbiram da tarefa, se tornou privado e rompido da vida doméstica. O que se explica pelo discurso da medicina, pelo crescimento das cidades modernas conduzidas pelas relações capitalistas e individualistas, os vizinhos perderam a vez e não representam mais o suporte no cotidiano e nos momentos difíceis (ANDRÉ, 2009).

Dr. Simão Bacamarte fala do tempo como ajuda para amenização do sofrimento e cita também a espiritualidade. A saber:

Acho que só o tempo mesmo para te dar conforto, eu acho assim, a morte é o seguinte, o primeiro ano que você passou, primeiro final de ano, primeira data que você passa sem a pessoa, depois considero assim o primeiro ano passou, o segundo, aí depois você começa a contar e data, eu acho que o primeiro ano é o mais difícil. Agora esquecer jamais, jamais esquece um ente querido. Perdi pai, mãe, uma neta a pouco tempo. Mas assim, eu acho que só Deus da força para a gente, esquecer você não esquece não (Dr. Simão Bacamarte).

No estudo sobre luto, de Santos e Sales (2011), encontra-se reflexões acerca do luto como um processo marcado na temporalidade da pessoa, e que apenas o tempo poderia acalmar a agonia vivenciada pela perda do ente querido, trazendo conforto e acalento para o sofrer. O tempo abrandava as marcas que são deixadas pela morte, o sentimento de agonia, em princípio, é transformado em dor suportável e o sentimento de saudade surge.

Alguns fatores podem dificultar o processo de luto, como mecanismos de negação e repressão ligadas à perda e à dor, defesas acentuadas numa cultura atual que influencia as pessoas a se controlarem e se reprimirem, viver como se a morte não existisse. Também, podem ocorrer distorções que afetam a expressão do luto, adiamento, inibição e cronificação do processo. Porém, é importante se atentar que não existem padrões que definam o quanto um processo ou outro está instalado, devendo-se levar em conta a maneira de ser das pessoas e como lidam com situações de crise (KOVÁCS, 2008).

A busca pela espiritualidade como força para enfrentamento do luto é uma estratégia para confrontar situações provocadoras de estresse e instabilidade emocional, como a morte de um paciente (KUHN; LAZZARI; JUNG, 2011).

3.3.4.3 Sentimentos relacionados ao trabalho

Indagados sobre a qualificação dos sentimentos relacionados ao trabalho, os participantes que realizavam funções administrativas, serviços gerais e consultoria, mencionaram: leve (n=4; 24%) e igual a qualquer outro afazer (n=4; 23%). Observa-se que tal resultado pode se explicar pela quase inexistência do contato com o corpo morto, e também, com todo o processo da morte de responsabilidade do serviço funerário.

No meu ponto de vista é como qualquer outro, tem os seus prós, os seus contras [...] (Macabéa).

Como qualquer outro (Capitu).

[...] Leve. Eu não me importo, já me acostumei (Clarissa).

[...] Em termos de sentimento é leve, a depender da situação, o dia a dia aqui é um ambiente leve, não é aquele ambiente pesado, apesar de ter um monte de gente triste lá embaixo, mas é diferente aqui (ambiente administrativo), porque vêm as pessoas que todo mundo conhece, conhece porque vem aqui, passa aqui, toma um cafezinho, toma um chá, conversa e tudo (Quincas Borba).

O ramo funerário tem como característica ser constituído por empresas de pequeno porte, principalmente. Assim, tais empresas necessitam desenvolver práticas de gestão que consigam abranger as singularidades desse campo de atuação e que abarquem também as situações de sensibilidade no fazer diário do trabalho, uma vez que, estão imersas em um meio permeado pela dor da perda, incertezas e fragilidades dos clientes. O desenvolvimento do trabalho na funerária precisa estar alicerçado e acatar os preceitos éticos como respeitabilidade, decência, honestidade, proteção à intimidade, cordialidade, respeito e demais (CAPAVERDE; OLIVEIRA; SCHEFFER, 2017).

Como descrito por Quincas Borba, a funerária em que trabalha lida com a aproximação direta e contato cordial com seus clientes, que transitam pelo ambiente administrativo de maneira confortável e afetuosa, características necessárias a esse ramo de negócio como exposto pelas autoras acima.

A literatura científica disponível relacionada ao serviço funerário tem, comumente, como foco a perspectiva do agente funerário sobre o trabalho que realiza e todas as variáveis que advém da sua prática, como já apresentado, mas quanto à classificação do sentimento frente a esse trabalho por parte de outros profissionais, ainda é escasso, porquanto, não é possível realizar discussão comparativa.

A maioria dos agentes funerários e proprietários dos serviços funerários apontaram que o trabalho que realizam é pesado sentimentalmente (n=8; 47%), o Dr. Simão Bacamarte (n=1; 6%) não conseguiu escolher uma resposta e disse que dá para conciliar.

Em sentimento, pesado não digo, leve também acho que não é, é coisa que dá para conciliar [...] (Dr. Simão Bacamarte).

Em termos de sentimento é pesado, não esforço físico, mas sentimento é pesado, só trabalha com tristeza (Dr. Cícero Branco).

Em termos de sentimento é um trabalho pesado, porque de certa forma é pesado na mente e fisicamente, porque você tem que fazer força, você tem de pegar, você tem que cuidar também, cuidar de uma pessoa que não está vendo, pessoa que não está reagindo, ter respeito com a pessoa, com o familiar e com quem está morto, não tratar de qualquer jeito, está morto ali, mas foi uma vida, tratar com carinho, tem que respeitar tanto um homem, uma mulher, uma criança quanto um idoso (Paulo Honório).

Como agente funerário, em termos de sentimento é pesado até você lidar com aquilo melhor, com o passar do tempo você vai lidando, no começo é muito pesado. Até hoje uma situação ou outra se torna muito pesada. No meu cargo atualmente, acho que é a mesma maneira, porque muitas das vezes meu serviço, entres aspas, não fica só no financeiro, porque muitas das vezes na

hora do óbito eu tenho que vir aqui, então quem atende a família sou eu, pega eles na hora que estão mais abalados [...] (Rubião).

Paulo Honório descreve a necessidade de respeitar e ter o cuidado devido àquele corpo sem vida, o qual é seu objeto de trabalho, bem como, aos familiares; a carga sentimental dessa responsabilidade pode estar relacionada à classificação do trabalho como pesado sentimentalmente. O estudo de Flores e Moura (2018) com dez agentes funerários, a propósito das vivências de sofrimento e prazer com relação ao ofício desses, evidenciaram que as vivências de prazer são associadas ao processo de preparação do corpo e ao atendimento aos familiares, entende-se que ambas as atribuições podem ser consideradas a verdadeira essência desse trabalho, um fazer que envolve o cuidado com o outro.

Os agentes funerários demonstram respeito ao corpo morto e aos familiares, são preocupados em atender às expectativas dos mesmos ao devolver o corpo do familiar a ser sepultado, sentem-se gratificados quando a família reconhece o trabalho que realizaram e dizem os agradecimentos, o ofício passa a valer a pena (CÂMARA, 2011).

Rubião cita que o contato com a família exige muito sentimentalmente, mais ainda no início, mesmo em seu cargo atual, na parte administrativa, isso ainda ocorre, porque é o responsável em atender a família naquele momento de dor.

Os agentes funerários têm contato com pessoas bem impactadas, pela morte de seus familiares, com isso podem estar sujeitos a diversas formas de reações, por vezes, são os primeiros alvos das reações de luto dos familiares. Além disso, também expressam o quanto são tocados por essas expressões de dor que lidam, o que torna a presença de uma ferida sempre aberta (CÂMARA, 2011).

3.3.5 Decorrências da prática do serviço funerário

A última categoria, com suas três subcategorias, pretende apresentar o que a prática cotidiana do serviço funerário influencia na percepção sobre a morte e no contato com o corpo morto. Alteraria a reflexão para com a morte? Modificaria a lida com o corpo morto? Também, demonstrar que a permanência no serviço funerário pode vir a ser um desejo.

3.3.5.1 Reflexão sobre a morte

Os profissionais foram questionados quanto à reflexão que tinham sobre a morte após a prática do trabalho que exerciam, conforme exposto na TAB. 4, nota-se que prevaleceu a percepção de que nada se alterou (n=10; 59%), mas também foi próximo àqueles que se consideraram mais adaptados (n=7; 41%).

Tabela 4 - Distribuição de frequência das respostas quanto à reflexão sobre a morte após o trabalho

Variáveis	Participantes	Frequência %
Mais adaptado	Macabéa, Vasco, Brás Cubas, Dom Casmurro, Dr. Simão Bacamarte, Prudêncio, Rubião	41
Nada se alterou	Clarissa, Dr. Cícero Branco, Eugênio, Olívia, Fabiano, Paulo Honório, Manuelzão, Capitu, Helena, Quincas Borba	59
Mais preocupado		0

Fonte: Dados da pesquisa.

Os participantes mencionaram em suas falas que nada se alterou, percebe-se que mesmo os agentes funerários mantiveram a posição de que já tinham uma concepção, em princípio, sobre a morte que não foi modificado com a prática do seu ofício. Leia-se:

Não. Está normal (Clarissa).

Não. Acho que não, continua da mesma forma, a gente tem que passar por essa fase, essa uma fase da vida como qualquer outra que a gente que passar (Olívia).

Nada se alterou, porque eu não estou preocupado com a morte não, porque uma hora vai morrer mesmo (Paulo Honório).

Não. Modificou não (Manuelzão).

Não fez diferença (Capitu).

Compreende-se que a percepção que tinham sobre a morte prevaleceu ante a prática do trabalho vivenciada, o que também é corroborado em Kovács, Vaiciunas e Alves (2014), quando mencionam que os trabalhadores funerários, que lidam com a morte no dia a dia, possuem suas representações, sobre o fenômeno citado, com base na sua história de vida, características pessoais, experiências vividas, crenças religiosas e fase do desenvolvimento, também, influenciadas pela relação e valorização do trabalho. Assim, são inúmeras variáveis que serão responsáveis por essa representação e o trabalho que realizam seria mais uma dessas.

Os profissionais justificaram porque se consideram mais adaptados com relação ao fenômeno da morte:

Mais preparada para tudo, em questão de agir no profissional mesmo, em questão de sentimento, em questão do luto, porque o luto é uma coisa assim, você tem que passar por ele, você não pode pular etapas do luto, você tem de curtir ele, passar por ele e seguir em frente, a vida continua, então vai ter outros lutos, não tem jeito (Macabéa).

É uma coisa que eu lido, eu sei que a gente vai passar por isso, eu mesmo sei que vou passar por isso, um dia alguém vai ter que me arrumar, entendeu, então hoje, sinto dor, a dor é grande, mas aprendi a conviver normal, aceitar (Vasco).

Eu estou mais adaptado, mais consciente de que um dia vai acontecer. A gente lida no dia a dia, a gente tem sentimento, tem, mas tem mais preparação do que um que nunca passou por isso, a gente tem mais força do que quem nunca mexeu, eu penso assim (Dr. Simão Bacamarte).

Se adapta um pouco aquela situação, desde o começo até hoje, é uma mudança radical, porque antes a gente não compreendia direito, até compreender que realmente a gente vai passar por aqui (Rubião).

Macabéa cita a questão dos sentimentos e do luto, que enfrentaria melhor, isto é, mostra certa aceitação existencial da morte e do processo de luto. Ao contrário do despreparo existencial do ser, como citado por Santos e Sales (2011, p. 219) “quando a morte se torna concreta na mundaneidade do ser-no-mundo e o luto se faz presente, o ser humano fecha-se em si mesmo, não consegue entender sua própria condição existencial, negando a si mesmo a verdade que se descortina ao seu redor [...]”.

Vasco diz compreender que um dia irá passar por isso, traz a questão do preparo de seu corpo como um fato que chegará quando a morte vier ao seu encontro. Com relação a morte Franco (2007), se refere que a consciência de finitude não seria um aprisionamento, pelo contrário, seria somente essa consciência que possibilita uma continuidade real da vida, pois seria a utopia do infinito, na qual a modernidade está imersa, que causaria o aprisionamento, o inatingível dos seres humanos como deuses imortais. Assim, a aceitação da finitude produz o desapego e a morte e seu ciclo como possibilidade de vida.

Dr. Simão Bacamarte e Rubião frisam que conseguem ter mais aceitação diante a morte do outrem e da possibilidade de sua própria morte, após o que já vivenciaram. Mendes (2010), traz que a consciência de morte é elemento fundamental para o sentido da vida, já que, se o ser humano não tivesse essa concepção ainda que inconcebível de sua finitude, deveras a vida social perderia muito do seu significado. Desse modo, a cultura humana tem o papel

fundamental de atribuir algum sentido e ordem à força caótica que a natureza parece disseminar sobre o homem, o fenômeno da morte tem sua singularidade e densidade que permite a natureza e a cultura manifestar seus aspectos fundamentais.

3.3.5.2 Habituação com o corpo morto

O contato cotidiano com o corpo morto fez com que pudesse ocorrer a habituação ao mesmo, a lida o tornou comum, como verifica-se na TAB. 5. Reitera-se que somente 14 participantes tinham esse tipo de contato; todos os agentes funerários adaptaram-se ao corpo morto.

Tabela 5 - Distribuição de frequência das respostas sobre a habituação do contato com o corpo morto

Variáveis	Participantes	Frequência %
Psicológico bom	Vasco	7
Tornou-se habitual	Eugênio, Fabiano, Paulo Honório, Manuelzão, Dom Casmurro, Prudêncio, Dr. Cícero Branco, Brás Cubas, Dr. Simão Bacamarte, Rubião	72
Não incomoda	Macabéa, Olívia	14
Não se habituou	Quincas Borba	7

Fonte: Dados da pesquisa.

Vasco destaca ser importante ter um “bom psicológico” para estar em contato com o corpo morto, e ao contrário dos que a pessoas pensam, o sentimento permanece. Engana-se quem acredita que o agente funerário também não sente tristeza com o corpo morto, a diferença é que aprenderam a fazê-lo frente ao terror que isso pode despertar a muitos.

Com o corpo morto eu acho assim, o contato da gente, a gente tem aquela dor, mas é como eu te falei, a gente tem que ter o psicológico bom para poder trabalhar, a gente sente. Muita gente pensa assim, principalmente a gente que está antigo no ramo, eles acham que a gente não tem sentimento, a gente tem sentimento sim, você está pegando aquele corpo ali, mas o coração está doendo (Vasco).

O contato com o corpo morto exige que os profissionais adotem estratégias psicológicas que os permitam suportar essa lida, conforme colocado por Câmara (2011, grifo nosso), os agentes funerários necessitam objetivar, naturalizar e até despersonalizar esse corpo para conseguirem realizar essa tarefa. No entanto, precisam também cuidar e re-humanizar o corpo,

expresso no arrumar, higienizar e colocar “características de vida” e amenizar as feições de morte.

Paulo Honório faz um importante relato ao mencionar que o corpo em decomposição não lhe causa mais repulsa, o odor desagradável se tornou suportável e até exemplificou, essa naturalidade com que lida, ao dizer que poderia até comer em cima desse.

Eu já passo por isso normal, numa boa, consigo chegar em casa, jantar, tomar banho, normal, porque às vezes a gente pega um corpo em decomposição há muitos dias achado em algum lugar, então aquilo ali é um cheiro muito desagradável, forte, então muita gente tem até nojo de chegar perto, não come, mas hoje é normal, se eu precisar lanchar lá em cima dele, eu lancho (Paulo Honório).

Ao contrário do horror atual e do silêncio sobre o que ocorre após o sepultamento do corpo, na terra que o “devora”, Schmitti (2015), discorre sobre o fascínio da arte, na Idade Média, pelo corpo putrefato, que passou a ser usado como manifestação cultural e artística no Ocidente. “O que a arte macabra mostrava era precisamente o que não se via, o que se passava debaixo da terra, o trabalho escondido da decomposição, e não o resultado de uma observação, mas produto da imaginação” (ARIÈS, 1989, apud SCHMITTI, 2015, p. 84). O que se procurava mostrar era que todos estavam sujeitos a isso, a igualdade dos homens perante a morte.

Fabiano menciona que o contato com o corpo morto é desde criança, por isso se tornou normal e o medo não se fez presente; Macabéa não se incômoda, considera-se fria, ao dizer isso provavelmente se compara a quem teme esse tipo de contato. A saber:

Eu nunca tive medo, esse negócio não, pavor, eu desde criancinha ficava vendo arrumar, vinha aqui, não sabia o que estava acontecendo, via o pessoal arrumando ali, e ficava normal, não sabia o que estava acontecendo e ficava ali perto. Aí eu desde pequenininho, assim, nunca tive receio, medo, alguma coisa assim não, e acho que é normal, nunca tive medo assim (Fabiano).

Não. Não me incomoda. Eu olho ali como se estivesse olhando uma pessoa normal mesmo, para mim não faz aquela diferença da pessoa viva. Nessa parte eu sou bem fria. Eu sofro mais de ver a família, no meu pensamento morreu, acabou (Macabéa).

Na pesquisa de Ribeiro, Baraldi e Silva (1998), encontra-se que diante da atividade de preparar o corpo pós-morte, alguns profissionais citam ser esta uma técnica como qualquer outra, que fazia parte da rotina, sem menção de sentimentos, mas com princípios de respeito pelo preparo do corpo.

Dr. Simão Bacamarte ao relatar que era um trabalho normal o contato com o corpo morto, cita a técnica de tanatopraxia:

Já é uma coisa de rotina, de necessidade, tem que fazer, é um trabalho normal. A gente sente assim, útil, por exemplo, chega uma pessoa de um acidente, você conseguir reconstruir o corpo, uma face, e por a pessoa com boa aparência, é bem útil. A pessoa tem um acidente, perde algum membro, você dá conta de reconstruir, no dia a dia é útil, a gente se sente orgulhoso. Às vezes a pessoa está feia, às vezes é feia de natureza (risos), mas você dá uma consertadinha, faz a barba, dá uma penteada no cabelo. A gente mexe muito com a aparência, às vezes um creminho já ajuda, você procura melhorar a aparência dela, o melhor possível para eles receber a última visita deles (Dr. Simão Bacamarte).

A tanatopraxia se torna, às vezes, a única possibilidade de devolver o falecido aos familiares para os rituais fúnebres, ao contrário de antes, em que a rápida deterioração do corpo tornava impossível esse contato mais prolongado dos parentes e amigos com seu finado, com essa técnica isso é possível. O que se mostra de muita importância para aqueles que tem nos restos mortais de um parente o único suporte que subsiste dos sentimentos de amor, de gratidão ou de respeito que lhe foram dedicados. Ressalta-se que essa exposição do defunto nos rituais fúnebres só parece ser possível quando se consegue manter o corpo morto próximo da imagem que a pessoa detinha vida, para se ter a visibilidade da morte é necessária uma certa desconstrução da própria imagem da mesma. Assim, a ciência e a tecnologia admitem que seja escondido dos sobreviventes a imagem do corpo morto em erosão física, que é uma realidade da natureza violenta e trágica do processo de decomposição física, que é em verdade a imagem imediata da morte humana (MENDES, 2010).

Veras e Soares (2016, grifos dos autores), afirmam que a tanatopraxia promete devolver uma aparência natural, viva e bela ao corpo morto, o serviço junto com a necromaquiagem se tornaram “naturalizados”, sendo partes da maioria dos tratamentos de corpos fornecidos pelas empresas funerárias. Desse modo, criticam as técnicas de conservação do ramo funerário, que precisam fazer com que o cadáver se pareça um corpo vivo ou até melhor que em vida, para que a “face feia da morte” não seja provocadora de repulsa nos vivos e os lembrem das suas inerentes perecibilidades.

3.3.5.3 Permanência nos serviços funerários

Paradoxalmente, todos os 17 (100%) participantes da presente pesquisa afirmaram que pretendem continuar a trabalhar no serviço funerário, o que demonstra habituação à prática, às vezes considerada incomum pelas pessoas, uma vez que, o objeto de trabalho indireto ou direto é a morte. As falas dos participantes justificaram tal informação:

O dia de amanhã não me pertence, mas hoje estamos aí de pé, estamos trabalhando de pé, como essa finalidade de dar continuidade ao que começamos 30 anos atrás [...] (Dr. Cícero Branco).

Olha, eu acho que é o seguinte, no serviço funerário quem se torna profissional, mesmo quem começa na área, é uma coisa que você não larga, você acostuma, desde o ambiente que você trabalha, você se sente bem, porque eu me sinto da família dos donos [...]. Aí a pessoa fala assim, você gosta de fazer, sim, eu gosto de fazer, porque se eu não gostasse, eu não estaria, eu gosto (Vasco).

Não era o que eu pensava quando eu entrei, não era o que eu desejava, mas agora adaptei bem (Brás Cubas).

Até eles me mandarem embora, porque eu já estou velho, se eu pedir conta e mais ruim para mim. Eu arrumo (corpo) com carinho, todo mundo gosta de mim aqui, você precisa de ver o dia que eu estou aqui eles acham uma beleza (Dom Casmurro).

Nossa, até aposentar (risos), aposentar virgula, porque posso chegar aqui amanhã e me dispensarem (Helena).

Eu pretendo estar aqui até o dia que eles me quiserem, se o dia que eles não me querem mais, aí eu não vou querer, mas se depender de mim, eu vou estar aqui até aposentar (Prudêncio).

Sim, ou futuramente passar para a área contábil, ou também, aprofundar nessa área (Rubião).

Nos relatos acima percebe-se que o trabalho realizado é feito com gosto, com exceção de Brás Cubas, que demonstra adaptação à contragosto do que queria, antes de iniciar o ofício.

Morim (2001), comenta que o prazer e o sentimento de realização frente ao trabalho podem ser adquiridos quando as tarefas realizadas fazem sentido, pois a execução das mesmas permite que se possa exercer seus talentos e suas competências, resolver problemas, fazer novas experiências e aprender novas competências. Os relatos de muitas pessoas demonstram que um trabalho que faz sentido é aquele que corresponde à personalidade, aos talentos e desejos delas,

do mesmo jeito, o interesse em relação a esse é oriundo das possibilidades que oferece para provar valores pessoais e ambições.

Rosa (2013), relata que há satisfação nesta função de agente funerário, avaliada através de indicadores como: salário, relações no ambiente de trabalho e outros. Também, cita a presença de envolvimento com o trabalho, bem como essa atividade ser merecedora de reconhecimento; e apesar da ocupação do agente funerário ser discriminada, carregada de preconceito, invisível e desconhecida, é uma atividade como qualquer outra, podendo contribuir de forma positiva para a vida como um todo.

A pesquisadora Câmara (2011, grifo da autora), faz uma importante indagação de quem seriam essas pessoas (agentes funerários) que “escolhem” e permanecem num trabalho mesmo diante de tantas dificuldades manifestas, e responde que são pessoas como quaisquer outras, com histórias, famílias, sentimentos, medos e necessidades. “Grandes pessoas que se dispõem a cuidar do que não é delas, nem para elas: um corpo morto, e para isso, precisam se utilizar de estratégias de enfrentamento para suportar tantas dores, todos os dias” (p. 149).

Para que um trabalho faça sentido, na dimensão social, o mesmo deve ser capaz de contribuir e ser útil para a sociedade, e na dimensão organizacional, o trabalho é contribuinte não somente para o desenvolvimento da pessoa, mas também da sociedade em geral, porquanto, no momento em que o trabalho deixa de contribuir, deixa de fornecer benefícios para alguém e/ou para a sociedade, passa a não fazer sentido (TOLFO; PICCININI, 2007).

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipótese do presente estudo foi refutada na medida em que a percepção sobre o fenômeno da morte não é naturalizada para os profissionais dos serviços funerários, pelo simples fato de executarem este trabalho. O que se torna mais comum e de mais fácil manejo é o contato com o corpo morto para aqueles que lidam com o mesmo. Independente da função exercida no trabalho, a morte é concebida na singularidade de cada um. Portanto, essa pesquisa contribuiu para ampliar os conhecimentos científicos acerca do fenômeno da morte, e também, evidenciar a prática do serviço funerário e dos profissionais que o realizam, que merecem reconhecimento e os cuidados devidos, porquanto, a Ciência Psicológica encontra terreno fértil para atuação.

3.5 REFERÊNCIAS

ANDRÉ, R. G. Representações e práticas mortuárias na cultura popular brasileira: influências e apropriações. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 2, n. 4, p. 239-265, 2009.

ANVISA. BRASIL. **Referência técnica para o funcionamento de estabelecimentos funerários e congêneres**. Brasília: NADAV/DIMCB/ANVISA. 2009. 14 p.

ARAÚJO, R. B. A mercantilização da morte na sociedade de consumo. **Habitus**, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 341-353, 2012.

AUGUSTO, M. H. O. O moderno e o contemporâneo: reflexões sobre os conceitos de indivíduo, tempo e morte. **Tempo Social**, São Paulo, v. 6, n. 1/2, p. 91-105, 1994.

BARBOSA, C. G.; MELCHIORI, L. E.; NEME, C. M. B. O significado da morte para adolescentes, adultos e idosos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 49, p. 175-185, 2011.

BAUMAN, Z. O pavor da morte. In: _____. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. cap. 1. p. 25-53.

BELLATO, R.; CARVALHO, E. C. O jogo existencial e a ritualização da morte. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 1, p. 99-104, 2005.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **A declaração de óbito: documento necessário e importante**. Ministério da Saúde, Conselho Federal de Medicina, Centro Brasileiro de Classificação de Doenças. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

BRASIL. DECRETO Nº 13.261, DE 22 DE MARÇO DE 2016. **A fiscalização e a comercialização de planos de assistência funerária**. Brasília, DF, 2016.

CÂMARA, C. M. C. **Os agentes funerários e a morte: o cuidado presente diante a vida ausente.** 2011. 166 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

CAMPOS, C. J. G.; TURATO, E. R. Análise de conteúdo em pesquisas que utilizam metodologia clínico-qualitativa: aplicação e perspectivas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 2, p. 259-264, 2009.

CAPAVERDE, C. B.; OLIVEIRA, L. P.; SCHEFFER, A. B. B. Subjetividade e enfrentamento da morte: construindo gestão de pessoas na cotidianidade. **REAd - Revista Eletrônica de Administração**, Porto Alegre, v. 23, p. 188-209, 2017.

COMBINATO, D. S.; QUEIROZ, M. S. Morte: uma visão psicossocial. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 11, n. 2, p. 209-216, 2006.

DALCOL, M. S. **A compaixão como fundamento da moral em Schopenhauer.** 2014. 88 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

DANTAS, J. B. O desafio de ser mortal: um ensaio sobre a questão da morte na atualidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 898-910, 2010.

DATASUS. SISTEMA DE INFORMAÇÕES SOBRE MORTALIDADE - SIM. **Óbitos por residência segundo município.** 2016. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sim/cnv/obt10mg.def>>. Acesso em: 27. out. 2018.

DOUGHTY, C. **Confissões do Crematório.** Tradução Regiane Winarski. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2016.

FALCONE, E. A avaliação de um programa de treinamento da empatia com universitários. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental Cognitiva**, Curitiba, v. 1, n.1, p. 23-32, 1999.

FERNANDES, S.; COSTA, J.; CAMINO, L.; MENDOZA, R. Valores psicossociais e orientação à dominância social: um estudo acerca do preconceito. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 490-498, 2007.

FERREIRA, R. A.; LIRA, N. P. M.; SIQUEIRA, A. L. N.; QUEIROZ, E. Percepções de psicólogos da saúde em relação aos conhecimentos, às habilidades e às atitudes diante da morte. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v. 15, n. 1, p. 65-75, São Paulo, 2013.

FLORES, V. D. C.; MOURA, E. P. G. Significados de trabalho, prazer e sofrimento no ofício de agentes funerários. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, Brasília, v. 18, n. 1, p. 326-334, 2018.

FRANCO, C. A crise criativa no morrer: a morte passa apressada na pós-modernidade. **Revista Kairós**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 109-120, 2007.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: caminhos e desafios. Tradução Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Cengage Learning, 2005.

HERVAL, R.; MENEZES, C. Passando dessa para melhor. **Revista Eclética**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 24-28, 2008.

HOHENDORFF, J. V.; MELO, W. V. Compreensão da morte e desenvolvimento humano: contribuições à psicologia hospitalar. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 480-492, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2010**: resultados gerais. 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/patrocínio/pesquisa/23/26170>>. Acesso em: 19 mai. 2018.

IRAHA, I. S.; SILVA, S. C.; PAULA, P. P. Sentidos do trabalho dos cozeiros: um estudo exploratório. **Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 304-319, 2017.

KITAZAWA, H. M.; BORGES, W. A.; RODRIGUES, F. S. O mercado da morte como construção social. In: Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, 4., 2016, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Escola de Administração da UFRGS, 2016. p. 1-10.

KOVÁCS, M. J. Educação para a morte. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 484-497, 2005.

KOVÁCS, M. J. Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. **Paidéia, Ribeirão Preto**, v. 18, n. 41, p. 457-468, 2008.

KOVÁCS, M. J.; VAICIUNAS, N.; ALVES, E. G. R. Profissionais do serviço funerário e a questão da morte. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 34, n. 4, p. 940-954, 2014.

KUHN, T.; LAZZARI, D. D.; JUNG, W. Vivências e sentimentos de profissionais de enfermagem nos cuidados ao paciente sem vida. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 64, n. 6, p. 1075-1081, 2011.

LIMA, L.; CURY, T. **‘Indústria da morte’ cresce com vigor e se mostra imune à crise**. Veja, São Paulo, 28 nov. 2015. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/economia/industria-da-morte-cresce-com-vigor-e-se-mostra-imune-a-crise/>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

MANZINI, E. J. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. **Revista Percursos**, v. 4, n. 2, Maringá, p. 149-171, 2012.

MENDES, A. C. Rostos da morte na era da técnica. **Alicerces**, Lisboa, v. 3, n. 3, p. 131-145, 2010.

MENDES, A. P. T. (Org.). **Cartilha Jurídica do Luto**: orientações práticas e jurídicas aos familiares. Rio de Janeiro: Escola de Direito do Rio de Janeiro da Fundação Getúlio Vargas, 2016. (Cadernos FGV DIREITO RIO. Clínicas; 5).

MORIN, E. M. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 08-19, 2001.

NASCIMENTO, A. M.; ROAZZI, A. A estrutura da representação social da morte na interface com as religiosidades em equipes multiprofissionais de saúde. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 435-443, 2007.

NEVES, M. F. A. **Por onde vivem os mortos**: o processo de fabricação da morte e da pessoa morta no segmento funerário de Porto Alegre. 2014. 147 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

OLIVEIRA, J. R.; BRÊTAS, J. R. S.; YAMAGUTI, L. A morte e o morrer segundo representações de estudantes de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 386-394, 2007.

OLIVEIRA-CARDOSO, E. A.; SANTOS, M. A. Grupo de educação para a morte: uma estratégia complementar à formação acadêmica do profissional de saúde. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 37, n. 2, p. 500-514, 2017.

PINEZI, A. K. M. O sentido da morte para protestantes e neopetencostais. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 43, p. 199-209, 2009.

PRADO, N. N. **Desvendando as estratégias comunicacionais no segmento funerário: o Grupo Mathias**. 2013. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social) – Faculdade de Biblioteconomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

RIBAS, V.; GOMES, F. A. Trabalhadores da morte: dilemas éticos. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 86-89, 2012.

RIBEIRO, M. C.; BARALDI, S.; SILVA, M. J. P. A percepção da equipe de enfermagem em situação de morte: ritual do preparo do corpo " pós-morte". **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 117-123, 1998.

RODRIGUES, F. S.; ICHIKAWA, E. Y. Os efeitos de sentidos do discurso jornalístico sobre o discurso da indústria da morte. **Razón y Palabra**, Equador, v. 21, n. 98, p. 500-528, 2017.

RODRIGUES, J. C. Publicidade, silêncio, personalização, espetáculo: representações da morte no ocidente. **Revista ALCEU**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 26, p. 5-26, 2013.

ROSA, M. R. H. **Bem-estar no trabalho com a morte**: uma relação possível? Relatos de agentes funerários do município de palhoça. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2013.

SANTOS, E. M.; SALES, C. A. Familiares enlutados: compreensão fenomenológica existencial de suas vivências. **Texto & Contexto Enfermagem**, Santa Catarina, v. 20, p. 214-222, 2011.

SCHMIDT, M. L. S. Aconselhamento psicológico como área de fronteira. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 407-413, 2015.

SCHOPENHAUER, A. Metafísica da Morte. In: _____. **Metafísica do amor, metafísica da morte**. Tradução: Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2000. cap. 2. p. 57-140.

SILVA, E. F.; LOPES, H. L.; SILVA, A. P. L. O trabalho vivo de profissionais que lidam com a morte. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 61-76, 2015.

SOUZA, K. C. C.; BOEMER, M. R. O significado do trabalho em funerárias sob a perspectiva do trabalhador. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 27-52, 1998.

SOUZA, L. G. A.; BOEMER, M. R. O cuidar em situação de morte: algumas reflexões. **Medicina**, Ribeirão Preto, v. 38, n. 1, p. 49-54, 2005.

SOUZA, M. C. S.; SOUSA, J. M.; LAGO, D. M. S. K.; BORGES, M. S.; RIBEIRO, L. M.; GUILHEM, D. B. Avaliação do perfil de atitudes acerca da morte: estudo com graduandos da área de saúde. **Texto & Contexto Enfermagem**, Santa Catarina, v. 26, n. 4, p. 1-8, 2017.

TOLFO, S. R.; PICCININI, V. C. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 38-46, 2007.

VERAS, L.; SOARES, J. C. Aqui se jaz, aqui se paga: a mercantilização da morte. **Psicologia & Sociedade**, Trindade, v. 28, n. 2, p. 226-236, 2016.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer a prática do serviço funerário possibilitou apreender as nuances que constituem esse fazer profissional, permeado por suas singularidades na lida cotidiana com a morte, como ofício direto, ou como fim. A funerária, como qualquer outra empresa, visa retorno de dividendos e funciona através da distribuição das atividades a serem realizadas pelos colaboradores, com intuito de atingir um objetivo e produto final: nesse caso a oferta no mercado, de uma prestação dos serviços que visam a destinação da pessoa morta. Portanto, seu objeto de negócio é a morte e todas as suas necessidades advindas da cultura humana, constituída por processos históricos específicos, e que devem ser inseridos no contexto da urgência da preparação do corpo morto, do velório e do sepultamento.

O trabalho desenvolvido na funerária é visto pelos participantes como algo necessário e importante, uma tarefa que lhes foi designada, que em princípio talvez não fosse uma escolha, mas que se acostumaram com o ofício e com a lida diária, alguns o percebem como algo normal e comum. Os agentes funerários, predominantemente, frisaram a necessidade ter um psicológico preparado para realizar suas atividades, dada a complexidade do contato com a morte em sua concretude, o início pode ser muito difícil.

Observou-se que as funerárias participantes da pesquisa, não apresentam hierarquização setorial rígida, até porque são empresas de pequeno e médio porte e familiares; assim, as funções exercidas são difusas entre os cargos de proprietário/gerente administrador do estabelecimento, auxiliar/assistente administrativo responsável pelas partes burocráticas de documentações e atendimentos aos clientes, o auxiliar de serviços gerais que limpa e organiza o local como um todo, o consultor para controle e normatização dos procedimentos internos, e por fim, o agente funerário que detém o status e a nomenclatura correta de quem lida diretamente com a morte em sua real presença: o corpo morto, os familiares enlutados e os ritos fúnebres.

O fazer profissional é perpassado por algumas dificuldades, dentre elas: o contato com o corpo infantil, remetendo-os à solidariedade com os pais destes, e à tristeza ao pensarem nos próprios filhos e no quanto a vida lhes foi tirada muito precocemente. Também, referem a necessidade de um período de adaptação até se habituarem à rotina do contato com o corpo. Cite-se também o surgimento de piadas nos grupos sociais que se inserem os participantes da

presente pesquisa, com relação à atividade profissional que desempenham, e até mesmo aqueles que não lidam diretamente com o corpo morto, vivenciaram esse preconceito, por vezes, camuflado em brincadeiras.

No tocante à percepção e significado do fenômeno da morte, houveram relatos de ser um processo natural do desenvolvimento humano, um fechamento do ciclo vital da pessoa, uma sequência da vida e uma passagem relacionada a religiosidade de cada um. A maioria não considerou que a prática profissional alterou essa percepção, ou seja, a existência, a priori, de uma concepção sobre o que seria a morte foi constituída no decorrer das vivências singulares da história do indivíduo e o trabalho não modificou isso.

Quanto aos sentimentos emergidos diante da morte de conhecidos ou desconhecidos, neste último caso o mal-estar é passageiro ou mesmo inexistente. Já com relação à morte de entes queridos a dor e o sofrimento são os mesmos, vivenciam o luto como qualquer outra pessoa que não tem a morte como ofício de trabalho; o que difere é a forma de lidar com os preparativos da despedida.

Ressalta-se que a avaliação do trabalho como emocionalmente pesado foi mencionada por quase todos os agentes funerários, como leve ou qualquer outro trabalho por aqueles profissionais responsáveis por outras atividades que não tem a morte como atividade direta.

Por fim, ainda com relação aos resultados encontrados, a prática profissional pode resultar na habituação com corpo morto e sua preparação, no caso dos agentes funerários e daqueles que vez ou outra assumem essa função ou já exercera, também, podem se considerar mais adaptados à morte ou nada ter se alterado frente a essa, ocorre os mecanismos de enfrentamento emocional e normalização do fazer cotidiano. Destarte, se adaptaram ao fazer profissional, alguns demonstram gosto pelo que fazem, evidenciando prazer pelo labor e todos gostariam de continuar a trabalhar no serviço funerário.

Conclui-se que a hipótese do presente estudo foi refutada, a percepção sobre o fenômeno da morte não é naturalizada, o que se torna comum é o contato com o corpo morto para aqueles que lidam com o mesmo, independente da função exercida no trabalho, a morte é concebida na singularidade de cada um. Portanto, essa pesquisa contribuiu para ampliar os conhecimentos científicos acerca do fenômeno da morte, e também, evidenciar a prática do serviço funerário e dos profissionais que o realizam, que merecem reconhecimento e os cuidados devidos, porquanto, a Ciência Psicológica encontra terreno fértil para atuação.

5 REFERÊNCIAS

ANDRÉ, R. G. Representações e práticas mortuárias na cultura popular brasileira: influências e apropriações. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 2, n. 4, p. 239-265, 2009.

ANVISA. BRASIL. **Referência técnica para o funcionamento de estabelecimentos funerários e congêneres**. Brasília: NADAV/DIMCB/ANVISA. 2009. 14 p.

ARAÚJO, R. B. A mercantilização da morte na sociedade de consumo. **Habitus**, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 341-353, 2012.

AUGUSTO, M. H. O. O moderno e o contemporâneo: reflexões sobre os conceitos de indivíduo, tempo e morte. **Tempo Social**, São Paulo, v. 6, n. 1/2, p. 91-105, 1994.

BARBOSA, C. G.; MELCHIORI, L. E.; NEME, C. M. B. O significado da morte para adolescentes, adultos e idosos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 49, p. 175-185, 2011.

BAUMAN, Z. O pavor da morte. In: _____. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. cap. 1. p. 25-53.

BECKER, R. M. A dança em cima do túmulo: o imaginário da morte enquanto fenômeno cultural. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, Recife, v. 19, n. 2, p. 137-156, 2008.

BELLATO, R.; CARVALHO, E. C. O jogo existencial e a ritualização da morte. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 1, p. 99-104, 2005.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **A declaração de óbito**: documento necessário e importante. Ministério da Saúde, Conselho Federal de Medicina, Centro Brasileiro de Classificação de Doenças. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

BRASIL. DECRETO Nº 13.261, DE 22 DE MARÇO DE 2016. **A fiscalização e a comercialização de planos de assistência funerária.** Brasília, DF, 2016.

CÂMARA, C. M. C. **Os agentes funerários e a morte:** o cuidado presente diante a vida ausente. 2011. 166 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

CAMPOS, C. J. G.; TURATO, E. R. Análise de conteúdo em pesquisas que utilizam metodologia clínico-qualitativa: aplicação e perspectivas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 2, p. 259-264, 2009.

CAPAVERDE, C. B.; OLIVEIRA, L. P.; SCHEFFER, A. B. B. Subjetividade e enfrentamento da morte: construindo gestão de pessoas na cotidianidade. **REAd - Revista Eletrônica de Administração**, Porto Alegre, v. 23, p. 188-209, 2017.

COMBINATO, D. S.; QUEIROZ, M. S. Morte: uma visão psicossocial. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 11, n. 2, p. 209-216, 2006.

DALCOL, M. S. **A compaixão como fundamento da moral em Schopenhauer.** 2014. 88 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

DANTAS, J. B. O desafio de ser mortal: um ensaio sobre a questão da morte na atualidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 898-910, 2010.

DATASUS. SISTEMA DE INFORMAÇÕES SOBRE MORTALIDADE - SIM. **Óbitos por residência segundo município.** 2016. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sim/cnv/obt10mg.def>>. Acesso em: 27. out. 2018.

DOUGHTY, C. **Confissões do Crematório.** Tradução Regiane Winarski. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2016.

FALCONE, E. A avaliação de um programa de treinamento da empatia com universitários. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental Cognitiva**, Curitiba, v. 1, n.1, p. 23-32, 1999.

FERNANDES, S.; COSTA, J.; CAMINO, L.; MENDOZA, R. Valores psicossociais e orientação à dominância social: um estudo acerca do preconceito. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 490-498, 2007.

FERREIRA, R. A.; LIRA, N. P. M.; SIQUEIRA, A. L. N.; QUEIROZ, E. Percepções de psicólogos da saúde em relação aos conhecimentos, às habilidades e às atitudes diante da morte. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v. 15, n. 1, p. 65-75, São Paulo, 2013.

FLORES, V. D. C.; MOURA, E. P. G. Significados de trabalho, prazer e sofrimento no ofício de agentes funerários. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, Brasília, v. 18, n. 1, p. 326-334, 2018.

FRANCO, C. A crise criativa no morrer: a morte passa apressada na pós-modernidade. **Revista Kairós**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 109-120, 2007.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. Tradução Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Cengage Learning, 2005.

GUANDALINI, F. C. **As transformações da relação do homem com a morte**. 2010. 64 f. Monografia (Especialização em Psicologia Analítica), Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2010.

HERVAL, R.; MENEZES, C. Passando dessa para melhor. **Revista Eclética**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 24-28, 2008.

HOHENDORFF, J. V.; MELO, W. V. Compreensão da morte e desenvolvimento humano: contribuições à psicologia hospitalar. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 480-492, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2010: resultados gerais**. 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/patrocínio/pesquisa/23/26170>>. Acesso em: 19 mai. 2018.

IRAHA, I. S.; SILVA, S. C.; PAULA, P. P. Sentidos do trabalho dos coveiros: um estudo exploratório. **Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 304-319, 2017.

KITAZAWA, H. M.; BORGES, W. A.; RODRIGUES, F. S. O mercado da morte como construção social. In: Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, 4., 2016, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Escola de Administração da UFRGS, 2016. p. 1-10.

KOVÁCS, M. J. Educação para a morte. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 484-497, 2005.

KOVÁCS, M. J. Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. **Paidéia, Ribeirão Preto**, v. 18, n. 41, p. 457-468, 2008.

KOVÁCS, M. J.; VAICIUNAS, N.; ALVES, E. G. R. Profissionais do serviço funerário e a questão da morte. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 34, n. 4, p. 940-954, 2014.

KUHN, T.; LAZZARI, D. D.; JUNG, W. Vivências e sentimentos de profissionais de enfermagem nos cuidados ao paciente sem vida. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 64, n. 6, p. 1075-1081, 2011.

LIMA, L.; CURY, T. **‘Indústria da morte’ cresce com vigor e se mostra imune à crise**. *Veja*, São Paulo, 28 nov. 2015. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/economia/industria-da-morte-cresce-com-vigor-e-se-mostra-imune-a-crise/>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

MANZINI, E. J. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. **Revista Percurso**, v. 4, n. 2, Maringá, p. 149-171, 2012.

MENDES, A. C. Rostos da morte na era da técnica. **Alicerces**, Lisboa, v. 3, n. 3, p. 131-145, 2010.

MENDES, A. P. T. (Org.). **Cartilha Jurídica do Luto**: orientações práticas e jurídicas aos familiares. Rio de Janeiro: Escola de Direito do Rio de Janeiro da Fundação Getúlio Vargas, 2016. (Cadernos FGV DIREITO RIO. Clínicas; 5).

MORIN, E. M. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 08-19, 2001.

NASCIMENTO, A. M.; ROAZZI, A. A estrutura da representação social da morte na interface com as religiosidades em equipes multiprofissionais de saúde. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 435-443, 2007.

NEVES, M. F. A. **Por onde vivem os mortos**: o processo de fabricação da morte e da pessoa morta no segmento funerário de Porto Alegre. 2014. 147 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

OLIVEIRA, J. R.; BRÊTAS, J. R. S.; YAMAGUTI, L. A morte e o morrer segundo representações de estudantes de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 386-394, 2007.

OLIVEIRA-CARDOSO, E. A.; SANTOS, M. A. Grupo de educação para a morte: uma estratégia complementar à formação acadêmica do profissional de saúde. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 37, n. 2, p. 500-514, 2017.

PINEZI, A. K. M. O sentido da morte para protestantes e neopentecostais. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 43, p. 199-209, 2009.

PRADO, N. N. **Desvendando as estratégias comunicacionais no segmento funerário: o Grupo Mathias**. 2013. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social) – Faculdade de Biblioteconomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

RIBAS, V.; GOMES, F. A. Trabalhadores da morte: dilemas éticos. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 86-89, 2012.

RIBEIRO, M. C.; BARALDI, S.; SILVA, M. J. P. A percepção da equipe de enfermagem em situação de morte: ritual do preparo do corpo" pós-morte". **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 117-123, 1998.

RODRIGUES, F. S.; ICHIKAWA, E. Y. Os efeitos de sentidos do discurso jornalístico sobre o discurso da indústria da morte. **Razón y Palabra**, Equador, v. 21, n. 98, p. 500-528, 2017.

RODRIGUES, J. C. Publicidade, silêncio, personalização, espetáculo: representações da morte no ocidente. **Revista ALCEU**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 26, p. 5-26, 2013.

ROSA, M. R. H. **Bem-estar no trabalho com a morte**: uma relação possível? Relatos de agentes funerários do município de palhoça. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2013.

SANTOS, E. M.; SALES, C. A. Familiares enlutados: compreensão fenomenológica existencial de suas vivências. **Texto & Contexto Enfermagem**, Santa Catarina, v. 20, p. 214-222, 2011.

SCHMIDT, M. L. S. Aconselhamento psicológico como área de fronteira. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 407-413, 2015.

SCHOPENHAUER, A. Metafísica da Morte. In: _____. **Metafísica do amor, metafísica da morte**. Tradução: Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2000. cap. 2. p. 57-140

SILVA, E. F.; LOPES, H. L.; SILVA, A. P. L. O trabalho vivo de profissionais que lidam com a morte. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 61-76, 2015.

SOUZA, K. C. C.; BOEMER, M. R. O significado do trabalho em funerárias sob a perspectiva do trabalhador. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 27-52, 1998.

SOUZA, L. G. A.; BOEMER, M. R. O cuidar em situação de morte: algumas reflexões. **Medicina**, Ribeirão Preto, v. 38, n. 1, p. 49-54, 2005.

SOUZA, M. C. S.; SOUSA, J. M.; LAGO, D. M. S. K.; BORGES, M. S.; RIBEIRO, L. M.; GUILHEM, D. B. Avaliação do perfil de atitudes acerca da morte: estudo com graduandos da área de saúde. **Texto & Contexto Enfermagem**, Santa Catarina, v. 26, n. 4, p. 1-8, 2017.

TOLFO, S. R.; PICCININI, V. C. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 38-46, 2007.

VERAS, L.; SOARES, J. C. Aqui se jaz, aqui se paga: a mercantilização da morte. **Psicologia & Sociedade**, Trindade, v. 28, n. 2, p. 226-236, 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Entrevista semiestruturada

Sexo:

Idade:

Escolaridade:

Cargo:

Tempo de trabalho no serviço funerário:

Religião:

Estado civil:

Número de filhos:

1 - O que você pensa sobre trabalhar numa funerária?

2 - Enumere as atividades que você realiza em seu dia a dia. Como é o contato com o corpo morto?

3 - O que é a morte para você?

4 - A morte tinha outro significado para você antes de vir trabalhar no serviço funerário?

5 - Com relação às pessoas de seu convívio, elas fazem algum tipo de crítica ou piada? Você se incomoda com isto? Como reage?

6 - No seu dia a dia de trabalho, como você lida, em termos de sentimentos, com a morte das pessoas?

7 - Alguém importante para você já morreu? Como foi lidar com a perda?

8 - Que reflexão você tem sobre a morte após este trabalho: você percebe que está mais adaptado, mais preocupado, ou nada se alterou?

9 - Você pretende continuar a trabalhar nos serviços funerários?

10 - Segundo sua avaliação em termos de sentimentos, este é um trabalho leve, pesado, ou como qualquer outro?

11 - Esteja à vontade para acrescentar alguma informação que considera pertinente.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPANTES MAIORES DE 18 ANOS

Eu, Talita Sabrina da Silva, estudante do curso de Psicologia do Centro Universitário do Cerrado Patrocínio, convido-o(a) a participar da pesquisa sobre a percepção e significado atribuído ao fenômeno da morte pelos trabalhadores de serviços funerários, que tem como objetivo avaliar se a prática do serviço funerário possibilita uma percepção mais natural em relação ao fenômeno morte, descrever os mecanismos e aspectos adaptativos dos profissionais frente ao mesmo, bem como, identificar os diferentes sentimentos desses diante da morte.

A sua participação é voluntária, sendo sua colaboração muito importante para o andamento da pesquisa, que consiste em responder a uma entrevista.

Serão assegurados a você o anonimato, o sigilo das informações, a privacidade e todas as condições que lhe garantam a proteção à dignidade constitucionalmente assegurada. A utilização dos resultados da pesquisa será exclusiva para fins técnico-científicos. Os riscos na participação serão minimizados mediante a atuação do pesquisador pela atenção e zelo no desenvolvimento dos trabalhos em assegurar ambiente seguro, confortável e de privacidade, evitando desconforto e constrangimento. Por outro lado, se você concordar em participar na pesquisa estará contribuindo para o desenvolvimento da ciência nesta área. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade será assegurada e mantida em absoluto sigilo. Caso concorde em participar, em qualquer momento você poderá solicitar informações ou esclarecimentos sobre o andamento da pesquisa, bem como desistir dela e não permitir a utilização de seus dados, sem prejuízo para você. Você não terá nenhum tipo de despesa e não receberá nenhuma gratificação pela participação na pesquisa.

Consentimento:

Declaro ter recebido de Talita Sabrina da Silva, estudante do curso de Psicologia do Centro Universitário do Cerrado Patrocínio, as orientações sobre a finalidade e objetivos da pesquisa, bem como sobre a utilização das informações que forneci somente para fins científicos, sendo que meu nome será mantido em sigilo. Aceito participar da pesquisa por meio da realização de uma entrevista, bem como permito a utilização dos dados originados da mesma. Estou ciente de que poderei ser exposto(a) a riscos de constrangimentos associados ao meio aceite do convite, e que poderei, a qualquer momento, interromper a minha participação, sem nenhum prejuízo pessoal. Fui informado(a) que não terei nenhum tipo de despesa nem receberei nenhum pagamento ou gratificação pela minha participação. Declaro que minhas dúvidas foram esclarecidas suficientemente e concordo em participar voluntariamente das atividades da pesquisa.

Assinatura do(a) participante(a): _____

Data: ____/____/____.



Impressão de polegar
caso não assine

Pesquisadora: Talita Sabrina da Silva
Rua Coronel Rabelo, nº 1606, Centro

Assinatura: _____ Data: ____/____/____

Orientadora: Tereza Helena Cardoso
Rua Marechal Floriano, nº 378, Centro

Assinatura: _____ Data: ____/____/____

Comitê de Ética em Pesquisa do UNICERP: Fone: (34) 3839-3737 ou 0800-942-3737

Av. Liria Terezinha Lassi Capuano, 466, Campus Universitário - Patrocínio – MG, CEP: 38740.000

ANEXO

ANEXO A – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do COEP/UNICERP



COEP – Comitê De Ética Em Pesquisa – UNICERP

Protocolo de encaminhamento de Projeto de Pesquisa para o Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos

1. PROJETO DE PESQUISA

Nº PROTOCOLO: 20181460 PSL004

1.1. TÍTULO DO PROJETO

O fenômeno da morte na perspectiva dos trabalhadores de serviços funerários

1.2. PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Nome: Tereza Helena Cardoso

RG: M-2252531

CPF: 43122000687

Endereço: Rua Marechal Floriano, nº 378, Centro

Telefone: 34 3831 2513

Celular: 34 9 88481952

E-mail: terezacardoso@unicerp.edu.br

1.3. INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL

Centro Universitário do Cerrado Patrocínio

1.4. PROJETO DE PESQUISA

Recebido no COEP/UNICERP em: 08/06/2018

Para o relator em: 11/06/2018

Parecer avaliado em reunião de: 23/06/2018

Aprovado: 23/06/2018

Diligência/pendências: ___/___/___

Não aprovado: ___/___/___


Diretor(a) do COEP/UNICERP